



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO (UNIVS)
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

IARA MOREIRA DE OLIVEIRA

**A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA E SUA RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA
PORNOGRÁFICA: Uma perspectiva psicanalítica**

ICÓ-CEARÁ
2024

IARA MOREIRA DE OLIVEIRA

**A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA E SUA RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA
PORNOGRÁFICA: Uma perspectiva psicanalítica**

Artigo científico submetido à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) do Curso de graduação em Psicologia, pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a M^a. Meury Gardênia Lima de Araújo.

IARA MOREIRA DE OLIVEIRA

**A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA E SUA RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA
PORNOGRÁFICA: uma perspectiva psicanalítica**

Artigo Científico aprovado em 26/11/2024, como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVs.

BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª M.ª Meury Gardênia Lima de Araújo

Orientadora



Prof.ª M.ª Isabela Bezerra Ribeiro

Avaliadora



Prof. Esp. Davi Sampaio Cardoso

Avaliador



Prof.ª Esp. Samara Rocha Magalhães Diógenes

Avaliadora

ICÓ – CE

2024

À todas as mulheres lésbicas, como eu, que desafiam o apagamento e resistem à margem. Que este trabalho seja um sopro de voz para as nossas histórias, ecoando as vozes que insistem em se fazer ouvir mesmo diante das sombras do esquecimento.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço de palavras moldadas pelo coração, deixo impresso a gratidão que transborda da alma.

Aos meus avós, Terezinha e José (*in memoriam*), cuja presença vive em cada passo que dou. Embora não possam testemunhar a realização dos sonhos que um dia sonhamos juntos, suas memórias permanecem como raízes profundas, nutrindo cada conquista.

Ao meu pai, Cícero César, cuja força e determinação me ensinaram que a coragem está em seguir em frente, mesmo quando o caminho parece árduo. Obrigada por ser o maior incentivador da minha trajetória.

À minha madrastra, Lucineide Chaves, que chegou como uma brisa serena e tornou-se vento constante, preenchendo minha vida com amor, acolhimento e sabedoria. Obrigada por me apoiar e me amar como uma de suas filhas.

À minha mãe, Lucivânia Berto, cuja presença é a raiz que me mantém firme, mesmo diante dos ventos mais fortes. Com você aprendi a importância de seguir em frente com dignidade e coragem, obrigada por me ensinar a acreditar em meu potencial.

Às minhas irmãs Ísis, Ianara, Nayara, Taynara, Ana Flávia, e meu irmão Heitor, por serem partes essenciais de quem eu sou. Com vocês, aprendi que família é o primeiro laço de amor e amizade que construímos na vida, e que, ao nos ampararmos mutuamente, nos tornamos mais fortes. Obrigada por serem minha fortaleza e minha inspiração, sempre.

À minha namorada e amor da minha vida, Byanca Taynná. Cujas presença representa uma parte fundamental de tudo o que desejo construir. Você é o alicerce que sustentou meus dias mais difíceis e o brilho que iluminou cada passo desta jornada. Obrigada por ser a calma em meio ao caos e por acreditar em mim, mesmo quando eu duvidava.

Aos meus amigos e colegas de jornada acadêmica, Davi Carmo, Wanessa Moreira e Raianny Alexandre. Cujas presença e risos leves foram a brisa suave que aliviaram o peso da caminhada, juntos, celebramos as vitórias e enfrentamos os desafios.

Ao meu amigo, Aluízio Silva, minha profunda gratidão, por ser um dos apoios que sustentaram minha trajetória. Sua lealdade e generosidade me fizeram enxergar que a amizade é, muitas vezes, a família que escolhemos.

À minha orientadora, Meury Gardênia, cuja paciência, sabedoria e firmeza foram fundamentais para me guiar por caminhos que antes desconhecia. Toda dedicação e compromisso deixaram marcas profundas na minha trajetória. Sou imensamente grata por acreditar em meu potencial e por me incentivar a alcançar voos mais altos.

*É tão claro agora
Eu queria poder dizer
Pra aquela criança
Que ainda não vê
É tão claro agora
Eu sei que vai doer
Mas isso é necessário
Pra quem você vai ser
("Monstros", Jão, 2018)*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 GÊNERO E SEXUALIDADE	10
2.1.1 Feminino e Masculino.....	12
2.2 MOVIMENTO LGBTQIAP+	13
2.2.1 As Lesbianidades.....	15
2.3 PSICANÁLISE DO OLHAR – PULSÃO ESCÓPICA E FETICHE	17
2.4 A PORNOGRAFIA, CAPITALISMO E OBJETO	19
2.5 SER, “ENTRE A DOR E A DELÍCIA” – OS IMPERATIVOS CONTEMPORÂNEOS	20
3 METODOLOGIA	21
3.1 TIPO DE ESTUDO	21
3.2 LOCAL DE ESTUDO.....	22
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	22
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DO SUJEITO DE PESQUISA	22
3.5 INSTRUMENTOS	23
3.6 PROCEDIMENTOS	23
3.7 ANÁLISE DOS DADOS	24
3.8 ASPECTOS ÉTICOS	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1 RESULTADOS.....	25
4.2 DISCUSSÕES.....	30
4.2.1 Categoria 1 – As diferentes compreensões e percepções acerca da pornografia.....	30
4.2.2 Categoria 2 – Erotismo e vínculos afetivos em contraste com a pornografia.....	32
4.2.3 Categoria 3 – Representações e estereótipos associados à imagem feminina lésbica	34
4.2.4 Categoria 4 – Impactos sociais e culturais na subjetividade feminina lésbica	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	47
APÊNDICE I – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO	52
APÊNDICE II – CARD INFORMATIVO.....	56

A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA E SUA RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: uma perspectiva psicanalítica

Iara Moreira de Oliveira¹
Meury Gardênia Lima de Araújo²

RESUMO

Esta pesquisa investiga a sexualização da mulher lésbica no contexto da indústria pornográfica, analisando como fatores históricos, sociais e culturais influenciam estereótipos e representações. A pornografia, ao objetificar e fetichizar mulheres lésbicas, constrói um imaginário que perpetua preconceitos e obscurece suas experiências autênticas. Sob a ótica psicanalítica, o estudo examina os efeitos dessas representações na subjetividade, nas relações interpessoais e na visão social dessas mulheres, investigando os fatores que sustentam esses padrões. A problemática desta pesquisa se delinea a partir da seguinte indagação: De que forma a sexualização da mulher lésbica na pornografia é influenciada por fatores históricos, sociais e culturais, e como isso afeta suas vivências e representações? Com abordagem qualitativa e delineamento exploratório, utilizou-se uma metodologia de pesquisa de campo, aplicada por meio de um questionário semiestruturado. Participaram 15 pessoas de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, cujas respostas foram analisadas segundo a Análise de Conteúdo de Bardin, auxiliada pelo *software* Atlas Ti. A coleta de dados evidenciou percepções sobre a sexualização e a fetichização de mulheres lésbicas, destacando os impactos sociais e culturais dessas práticas. Os resultados indicam que a pornografia consolida representações distorcidas, voltadas ao olhar heteronormativo masculino, deslegitimando a sexualidade lésbica e impondo padrões que negam sua diversidade. Essas narrativas perpetuam preconceitos, invisibilizam experiências autênticas e reforçam estereótipos específicos. Conclui-se que essas dinâmicas configuram formas de violência simbólica e cultural, ressaltando a importância de desconstruir tais representações e promover debates acadêmicos e sociais acerca da temática.

Palavras-Chave: Sexualidade feminina lésbica; Pornografia; Representações midiáticas; Subjetividade; Psicanálise.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS). E-mail: iaramoreiraoliv@gmail.com

² Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciatura em Letras Português (FECLESC/UECE). Bacharelado em Psicologia (UniCatólica). Especialista em Gestão e Saúde (UECE). Professora do Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS). E-mail: meurygardenia@univs.edu.br

ABSTRACT

This research investigates the sexualization of lesbian women in the context of the pornographic industry, analyzing how historical, social, and cultural factors influence stereotypes and representations. Pornography, by objectifying and fetishizing lesbian women, constructs an imaginary that perpetuates prejudices and obscures their authentic experiences. From a psychoanalytic perspective, the study examines the effects of these representations on subjectivity, interpersonal relationships, and the social perception of these women, exploring the factors that sustain these patterns. The research problem is outlined by the following question: How is the sexualization of lesbian women in pornography influenced by historical, social, and cultural factors, and how does it affect their experiences and representations? Employing a qualitative approach and exploratory design, the study utilized a field research methodology through a semi-structured questionnaire. Fifteen participants with diverse sexual orientations and gender identities contributed responses, which were analyzed using Bardin's Content Analysis, supported by the Atlas.ti software. The data collection revealed perceptions regarding the sexualization and fetishization of lesbian women, highlighting the social and cultural impacts of these practices. The results indicate that pornography consolidates distorted representations aimed at the heteronormative male gaze, delegitimizing lesbian sexuality and imposing standards that deny its diversity. These narratives perpetuate prejudices, render authentic experiences invisible, and reinforce specific stereotypes. It is concluded that these dynamics constitute forms of symbolic and cultural violence, emphasizing the importance of deconstructing such representations and fostering academic and social debates on this topic.

Keywords: Lesbian Female Sexuality; Pornography; Media Representations; Subjectivity; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Lima (2021), a pornografia é uma realidade presente em nosso cotidiano e seu acesso tem se tornado cada vez mais comum. O avanço tecnológico tem facilitado a popularização desses conteúdos, oferecendo atualmente recursos como cinema pornográfico 5D e realidade virtual.

Conforme destacado por Silva (2021), a indústria pornográfica contemporânea figura entre os setores mais rentáveis da economia, gerando receitas anuais que superam as de empresas como Netflix, Microsoft, Google, Amazon, eBay, Yahoo e Apple somadas. O relatório anual de 2023 do *Pornhub*, um dos maiores sites de buscas pornográficas, apresenta dados em que o Brasil ocupa o 10º lugar entre os países que mais consomem pornografia diariamente. A plataforma ressalta ainda que o termo “lésbicas” teve um salto em mais de 10 posições, ocupando o 4º lugar no *ranking* de termos mais pesquisados no país no ano de 2023, ficando em 3º lugar no *ranking* dos termos mais pesquisados na plataforma durante todo o ano (Pornhub, 2023).

Barros *et al.* (2020) afirmam que a indústria pornográfica transforma a excitação sexual em sua principal fonte de renda, visando lucrar por meio de sexo explícito e sem *tabus*. Nas produções pornográficas, as mulheres são retratadas como objetos sexuais desumanizados, cujo único propósito é satisfazer os desejos masculinos. Isso resulta na normalização do desprezo, humilhação e raiva contra o sexo/gênero feminino na sociedade (Monteiro; Vianna, 2021). Desse modo, através de suas produções, a pornografia reforça e propaga estereótipos em que o papel de sujeito ativo e dominante está sempre direcionado ao homem enquanto a mulher é vista como objeto sexual.

Toledo (2008) aponta que os processos de estigmatização sobre as lesbianidades permitem estabelecer concepções consideradas como fixas e imutáveis sobre a mulher lésbica. Tais concepções configuram-se através de discursos propagados como “verdades”, que não consideram as relações afetivo-sexuais entre mulheres. Assim, a autora pontua que:

Dessa forma, faz-se crer: que mulheres lésbicas, no que tange ao ato sexual, são insatisfeitas porque não fazem ‘sexo de verdade’, já que entre elas falta-lhes o pênis; que lésbicas precisam ser masculinas para que sejam críveis como lésbicas “verdadeiras”; que lésbicas estejam disponíveis aos homens na pornografia e na publicidade; que lésbicas possam se relacionar entre si desde que reproduzam o padrão heterossexual de masculinidade/feminilidade e atividade/passividade; que lésbicas deixarão de sê-lo quando encontrarem um homem que as satisfaça sexual e afetivamente (Toledo, 2008, p. 25).

Dessa forma, essas representações sobre lesbianidades são difundidas por uma cultura machista e heteronormativa, que reforça estereótipos e desconsidera não apenas as vivências femininas lésbicas, mas também as experiências femininas em geral.

A sexualização da mulher lésbica pela indústria pornográfica levanta questionamentos sobre identidade e representatividade. A pesquisa busca compreender, sob a ótica psicanalítica, de que maneira a objetificação e a hipersexualização da mulher lésbica impactam as percepções sociais, a autoimagem e as relações interpessoais, analisando também os mecanismos psicológicos que sustentam e perpetuam essas representações na cultura contemporânea.

Assim, a problemática do estudo centra-se na seguinte questão: *De que forma a sexualização da mulher cis lésbica nas produções da indústria pornográfica é influenciada por aspectos sociais, culturais e históricos, e como esses elementos afetam as experiências dessas mulheres, contribuindo para a construção e representação da imagem lésbica?*

Para responder a essa questão, o objetivo geral é investigar como fatores sociais, culturais e históricos contribuem para a objetificação da mulher cis lésbica na indústria pornográfica, buscando compreender os impactos desses elementos na formação de representações e percepções da sexualidade feminina.

A pesquisa justifica-se pela escassez de materiais acadêmicos e bibliográficos específicos sobre o tema, conforme identificado em buscas no Google Acadêmico e em obras publicadas. Além disso, observa-se um baixo nível de debate sobre essa temática na sociedade e no meio acadêmico brasileiro. Assim, este estudo busca ampliar o diálogo, contribuindo para a desconstrução dos estereótipos associados à imagem da mulher lésbica e promovendo um debate mais inclusivo e transformador, tanto para os indivíduos diretamente afetados quanto para a sociedade como um todo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 GÊNERO E SEXUALIDADE

O conceito de gênero e sexualidade por muito tempo esteve associado ao sexo biológico como determinante. Segundo Costa (2018), o conceito de gênero foi consolidado a partir da década de 1970 em áreas como a sociologia, a antropologia, a psiquiatria, a psicanálise e a cultura. A autora acrescenta ainda que provavelmente o ponto de partida tenha sido o movimento feminista a partir da França, em particular o livro *O segundo sexo* (1949/1980) de Simone de Beauvoir.

Na obra, o famoso trecho “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2009, p. 9), compreende uma das ideias centrais da autora acerca da construção social de gênero e feminismo. Beauvoir argumenta que ser mulher não está atrelada à uma condição natural ou inata, mas sim ao resultado de uma construção, na qual, desde a infância, os sujeitos são moldados por expectativas e normas culturais que definem o que é ser mulher e o que é ser homem.

Outra autora de grande importância é Judith Butler, em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, Butler alude à ideia de Beauvoir onde pontua que “não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea”, o que pode associar-se as diferentes significações das constituições de gênero. Originalmente concebida como forma de questionar o determinante biológico, a distinção entre sexo e gênero está atrelada à tese de que, mesmo que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é uma construção sociocultural (Butler, 2018, p. 23).

Dessa forma, a autora compreende ainda que o gênero associa-se as diversas formas de constituição do sujeito perante o contexto sociocultural o qual está inserido, possuindo diferentes significações, acrescentando ainda que:

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos (Butler, 2018, p. 21).

Assim como o gênero, a sexualidade ao longo dos anos foi considerada algo que os indivíduos possuem “naturalmente”, que remete à noção biológica acerca da diferença dos corpos. Segundo Louro (2000), ao considerar que a sexualidade humana é algo “dado” por natureza, estaria imposta a suposição de que todos os sujeitos vivenciam seus corpos da mesma forma, acrescentando ainda que, no que tange a sexualidade, “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções”, partindo de múltiplos processos culturais, individuais e das diferentes sociedades (Louro, 2000, p. 16).

As identidades sexuais dos sujeitos se constituiriam através das múltiplas formas de vivenciar sua sexualidade: com parceiros do oposto, com parceiros do mesmo sexo, com ambos os sexos ou sem parceiros(as), como afirma Louro (2003). A autora acrescenta ainda que é importante considerar que, tanto no que tange a sexualidade quanto o gênero, as identidades são sempre construídas, não sendo possível fixar em um momento (nascimento, adolescência ou maturidade) como aquele em que a identidade sexual/de gênero seja estabelecida.

Em decorrência das influências biopsicossociais, o desenvolvimento da identidade de gênero visa que nem todos os indivíduos vão vivenciar seus corpos especificamente como homens ou mulheres. Cavalcante (2021, p. 12) destaca que ao longo da história houve uma crescente expansão e diversificação dos modos de administração e dominação dos corpos com existências não normativas, abordando suas sexualidades, desejos e afetos.

2.1.1 Feminino e Masculino

Ao longo da história, percebe-se que os papéis sociais são estabelecidos com base em uma perspectiva biológica dos corpos femininos e masculinos, delineando comportamentos e atitudes associados ao sexo atribuído ao nascimento de um indivíduo. Colling (2004) argumenta que a representação da imagem feminina foi moldada pelo olhar masculino. Segundo Bastos e Nogueira (2016), por muitos anos, a imagem da mulher na sociedade foi influenciada pela predominância discriminatória do patriarcado, o que resultou na associação frequente da mulher com os papéis tradicionais de maternidade e cuidado do lar.

Barros *et al.* (2020) acrescentam que o homem sempre se estabeleceu como a figura dominante nas relações conjugais, paternas e laborais, enquanto a mulher foi relegada a posições de subordinação. Isso perpetua a estrutura do patriarcado. As disparidades de gênero começam a se formar e ser reforçadas desde a infância, quando os meninos são ensinados pelos pais a serem fortes e a não demonstrarem fraqueza, enquanto as meninas são criadas com a expectativa de se casarem e terem filhos. Assim, a desigualdade entre homens e mulheres é reforçada através da polarização dos gêneros, na qual os papéis são pré-determinados e socialmente reproduzidos (Silva; Gatto; Costa, 2022).

Conforme apontado por Toledo (2008), a masculinidade é associada diretamente à figura do macho, onde o homem é enfatizando às características como força, energia e virilidade, enquanto a feminilidade, por outro lado, a mulher é relacionada à figura da fêmea remetendo principalmente à esfera da reprodução. A partir dessa perspectiva, Silva, Gatto e Costa (2022) destacam que os homens são tradicionalmente vistos como os chefes de família, enquanto as mulheres são muitas vezes limitadas ao trabalho doméstico e reprodutivo. Dessa maneira, a posição social do homem é considerada superior à da mulher, que frequentemente ocupa um papel submisso às vontades e necessidades masculinas.

Nesse sentido, podemos notar como a presença da mulher foi e ainda é predominantemente associada ao papel de objeto de serviço doméstico e sexual ao longo da história. Elas são frequentemente relegadas a uma vida centrada exclusivamente no lar e no

aspecto erótico, ambos determinados por homens que ditam como essas mulheres devem ser, agir, se comportar e falar, entre outras coisas. Assim, embora os modos de vida das mulheres no Brasil tenham mudado ao longo da história devido a transformações que lhes permitiram acesso a direitos básicos, como o direito ao trabalho e ao voto, é possível afirmar que ainda há um longo caminho a ser percorrido (Barros *et al.*, 2020).

2.2 MOVIMENTO LGBTQIAP+

Comumente corpos desviantes das noções heteronormativas, como os indivíduos que constituem a sigla LGBTQIAP+³, são excluídos e marginalizados da sociedade. Segundo Baére (2022), ao longo do século, os sujeitos que fugiam da heteronormatividade foram submetidos às mais diversas práticas de tratamento, muitas delas cruéis e desumanas. Deste modo, “os indivíduos eram forçados a tratamentos psiquiátricos intensivos, como eletrochoque, castração e lobotomia” (Bausum, 2015, p. 14).

Na década de 1960 nos Estados Unidos, a comunidade LGBTQIAP+ vivenciava constantemente um cenário de opressão e violência policial, no qual vestir menos de três peças de roupa que fossem apropriadas para o sexo/gênero resultaria em prisão, assim como demonstrações de afeto em público entre pessoas do mesmo sexo, ou mesmo dançar/beber em algum bar (Carvalho e De Menezes, 2021).

No dia 28 de junho de 1969, Stonewall Inn, um bar localizado no Bairro de Greenwich Village, local de encontro de gays, lésbicas e travestis, foi alvo de uma batida policial. Naquela noite os oficiais chegaram com o intuito de apreender indivíduos que estivessem descumprindo as leis locais. Além disso, o local não possuía licença para venda de bebidas alcoólicas.

Entretanto, os oficiais agiram com violência contra uma mulher lésbica e uma travesti, gerando revolta dos indivíduos ali presentes, que reagiram atirando pedras e outros objetos contra as viaturas (Stonewall, 2015). Molina (2011) acrescenta que em seguida foram organizados cinco dias de protestos contra a discriminação, exigindo a igualdade de direito aos homossexuais. Desse modo, o Movimento de Stonewall, como ficou conhecido, é visto como um marco para a comunidade LGBTQIAP+ como símbolo de resistência, além de ter grande relevância em diversos países, inclusive no Brasil.

³ LGBTQIAP+: A sigla é empregada para simbolizar a ampla variedade de identidades de gênero e orientações sexuais. Deste modo, cada letra que compõe a sigla representa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e Pansexual. Além de possuir o + para incluir e representar a ampla gama de identidades e orientações sexuais presentes na comunidade (Simão et. al, 2023).

As notícias sobre as organizações de grupos gays em âmbito internacional tiveram impacto na criação dos movimentos homossexuais no Brasil durante a segunda metade da década de 1970, como observado por Baére (2022). Carneiro (2015) fomenta que esse período no Brasil, final dos anos 1970 e durante os anos 1980, foi caracterizado pelo processo de abertura política e redemocratização do Estado Nacional após o Golpe Civil-Militar de 1964.

Durante o regime militar, Baére e Zanello (2022) indicam que o Brasil foi influenciado por abordagens europeias na formulação de psicodiagnósticos, contribuindo para o controle policial sobre o comportamento e as práticas homossexuais. Isso levou à circulação, no campo da medicina legal, de teorias sobre o "homossexualismo" (termo que associa a homossexualidade a uma condição patológica), resultando não apenas em práticas desumanas, mas também na exclusão social em instituições asilares.

Baére (2022) destaca que o surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro foi marcado por dois eventos significativos: as primeiras iniciativas do Grupo de Afirmação Homossexual - SOMOS em São Paulo e o início da circulação do jornal *Lampião da Esquina*. O grupo Somos desempenhou um papel fundamental ao incentivar a formação de outros grupos que defendiam os direitos das pessoas homossexuais, como o Grupo Gay da Bahia (GGB) e o Triângulo Rosa.

Em 1980, o Grupo Gay da Bahia (GGB) liderou uma extensa campanha para remover o termo "homossexualismo" da classificação de doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Essa iniciativa envolveu protestos organizados por ativistas LGBTs e a entrega de um abaixo-assinado diretamente ao ministro do Inamps, Jair Soares. O mesmo abaixo-assinado foi enviado ao Conselho Federal de Medicina (Baére e Zanello, 2022). Em 1985, as demandas do GGB foram atendidas e o termo "homossexualismo", que era considerado um desvio e transtorno mental, foi removido da lista de doenças do Inamps (GGB, 2011).

Entretanto, segundo Carneiro (2015), com a chegada do HIV/AIDS ao Brasil, o elevado número de vítimas homossexuais reforçou a associação entre homossexualidade e doença. Isso resultou na desmobilização de muitos grupos, enquanto outros passaram a concentrar seus esforços exclusivamente no combate à doença, erroneamente rotulada na época como "peste gay" (Ribeiro, 2011, p. 155).

Conforme observado por Quinalha (2022), no discurso religioso, a AIDS era vista como um "castigo divino pela promiscuidade homossexual". Não obstante, além dos discursos religiosos, a patologização da não conformidade com a heteronormatividade não era algo novo no campo médico, resultando em violência contra a comunidade homossexual. Isso

desencadeou mais uma luta enfrentada pelo movimento LGBTQIAP+, visando desmistificar e combater o estigma associado à epidemia.

Facchini e França (2009) destacam que a partir dos anos 1990, houve um aumento no número de grupos e organizações do Movimento Homossexual Brasileiro, os quais se expandiram por todo o país, além de diversificar seus formatos institucionais e suas propostas de atuação. Durante esse período, como observado por Baére e Zanello (2022), a elaboração da Resolução N° 01/99 pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) impulsionou debates no campo da saúde mental voltados para as identidades de gênero dissidentes. Os autores também mencionam que os quarenta anos do movimento LGBTQIA+ no Brasil testemunharam avanços significativos, como a Reforma Psiquiátrica, a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a promulgação da Lei Antimanicomial (Lei 10.2016).

Por meio da Resolução n° 01/99, datada de 21 de março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabelece diretrizes para a atuação dos psicólogos em relação às diversas sexualidades. Essa resolução proíbe os profissionais de psicologia de se envolverem em práticas que promovam a patologização ou discriminação de comportamentos ou práticas homoeróticas. A psicologia reconhece que a sexualidade é uma parte intrínseca da subjetividade de cada indivíduo, portanto, as relações homossexuais não são consideradas como condições patológicas, distúrbios ou perversões (CFP, 1999).

De acordo com Ribeiro (2011), transcorreram 15 anos até que essa comunidade decidisse manifestar-se publicamente em prol de seus direitos. Entre os anos de 1995 e 1997, ocorreram as primeiras Paradas do Orgulho LGBT, inicialmente com a participação limitada a algumas pessoas que entoavam palavras de ordem enquanto seguiam um carro de som. No entanto, atualmente, as Paradas do Orgulho LGBTQIAP+ contabilizam mais de 170 eventos somente no Brasil, sendo a Avenida Paulista, em São Paulo, o epicentro da maior Parada do Orgulho LGBTQIAP+ do mundo, que atrai anualmente a presença de aproximadamente 3 milhões de participantes.

2.2.1 As Lesbianidades

Correia (2022) salienta que ao discorrer sobre lésbicas, referimo-nos a mulheres que possuem orientação sexual homossexual. Segundo Toledo (2008), o termo "lesbianidades" é usado para descrever processos de subjetivação relacionados à orientação sexual e às

identidades política, sexual e de gênero de mulheres que têm relações ou práticas homoeróticas⁴ e se identificam como lésbicas ou com termos semelhantes⁵. Desta forma, estas mulheres sentem-se subjetivamente neste lugar, seja por meio do desejo, prática e/ou sentimento homoafetivo por outra mulher.

Souza e Gonçalves (2020) afirmam que, com o surgimento da propriedade privada, o papel da mulher sempre foi inferiorizado, sendo vista como uma extensão do homem, a quem devia obediência e devoção mútuas. No que diz respeito às mulheres lésbicas, as autoras afirmam que essas opressões são intensificadas, uma vez que a sociedade busca de todas as maneiras apagar sua existência, retratando-as como abjetas e seres desprezíveis.

Toledo (2008) destaca que os discursos sobre as lesbianidades são amplamente baseados na dominação masculina. De um lado, a mulher é vista como desprovida de desejo sexual, fazendo com que a relação lésbica seja deslegitimada sob uma perspectiva assexuada e idealizada. De outro lado, se for reconhecida como tendo desejo sexual legítimo, as lésbicas são percebidas como promíscuas e suas relações são vistas como servindo ao prazer dos homens.

Inclusivamente no interior do movimento LGBTQIAP+, as questões referentes às mulheres lésbicas são muitas vezes postas em segundo plano (Souza; Gonçalves, 2020). Segundo Alves, Moreira e Prado (2020), até então, as pautas discutidas por essas mulheres se misturavam às questões do movimento feminista e homossexual, muitas vezes recebendo menos destaque ou prioridade.

Este fato pode ser observado nas contribuições de Fernandes (2018), ao pontuar que a visibilidade política das lésbicas não foi alcançada dentro do movimento heterofeminista e nem mesmo nas Paradas do Orgulho LGBT de São Paulo, que até o ano de 2003 eram denominadas Parada do Orgulho Gay. Desde 1997, havia pedido de alteração do nome, que invisibilizava os segmentos de lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais.

Assim, durante o período de redemocratização do país, começou a surgir uma necessidade de espaço político e social exclusivamente voltado para mulheres lésbicas e bissexuais, o que passou a ganhar visibilidade na esfera pública, conforme destacado por Alves, Moreira e Prado (2020). Os autores destacam que as mulheres envolvidas no movimento homossexual brasileiro constituíram um grupo dissidente conhecido como Grupo Lésbico

⁴ Essa expressão, "homoerótico", será utilizada de forma genérica para descrever situações em que se percebe a presença de erotização em relações envolvendo pessoas do mesmo sexo.

⁵ Termos que remetem à palavra "Lésbica", onde, Toledo(2008) apresenta os mais comuns: entendida, sapa, sapata, bolacha, sapatona, sapatão, dyke, lady e fancha.

Feminista (LF), que, mais tarde, em 1981, foi sucedido pelo Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF).

No contexto da busca por direitos, observou-se uma concentração nas demandas voltadas para a saúde das mulheres lésbicas e bissexuais. Essa luta englobou a defesa dos direitos reprodutivos e sexuais, em sintonia com as agendas do movimento feminista, além de abordar questões relacionadas à transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em relacionamentos entre mulheres. Estes temas foram os principais focos das primeiras conquistas do movimento, conforme analisado por Alves, Moreira e Prado (2020).

Sousa e Freitas (2018) apontam que, desde cedo, as mulheres lésbicas enfrentam em grande parte hostilidade advindas de suas próprias famílias, sendo muitas vezes expulsas de casa, da escola e do trabalho, além de sofrerem discriminação pela sociedade. Suas vidas são atravessadas por várias formas de opressão e exploração. Esses mecanismos de desumanização resultam em diversas consequências para essas mulheres, incluindo a negação do direito de amar outra mulher.

2.3 PSICANÁLISE DO OLHAR – PULSÃO ESCÓPICA E FETICHE

Garcia-Roza (2012), em seu livro "Freud e o Inconsciente", ressalta a distinção fundamental entre pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*), enfatizando que o instinto refere-se a um comportamento hereditariamente determinado, que possui um objeto específico, enquanto a pulsão não envolve nem um comportamento predefinido nem um objeto específico.

Pradella (2020) argumenta que em "As pulsões e seus destinos" (1910), Freud concebe a pulsão como um estímulo para o psiquismo, originado do interior do organismo e não do ambiente externo. A autora destaca que, em sua obra "A pulsão e seus destinos", Freud define a pulsão é o conceito que delimita a fronteira entre o psiquismo e o corpo biológico, sendo o representante psíquico dos estímulos que surgem do interior do corpo. Ela é uma força constante, originada no próprio organismo.

Segundo Garcia-Roza (2012), em seu artigo "O inconsciente", Freud argumenta que uma pulsão nunca pode se tornar consciente e, mesmo no inconsciente, ela sempre é representada por uma ideia ou um afeto. Assim, é importante distinguir entre a pulsão em si, seu representante psíquico e a pulsão como representante de algo físico. Baseado no que foi discutido, Freud concebe a pulsão como tendo suas raízes na biologia, ligada aos estágios iniciais do desenvolvimento e à manutenção da vida biológica do indivíduo. Contudo, ela transcende a mera necessidade, buscando a satisfação.

Na trajetória da psicanálise, o olhar, enquanto atrelado a pulsão, revela-se em vários momentos como um elemento crucial, assumindo um papel fundamental. É através dele que o indivíduo se desenvolve, pois depende do olhar do Outro⁶ para moldar sua própria identidade, possibilitando assim uma percepção verdadeira do mundo pelo sujeito (Fortes, 2014). Conforme apontado pela autora, a pulsão escópica começa a ganhar destaque em 1905, quando Freud, em seu trabalho "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", examina um universo interno completamente novo, com suas próprias representações, investigando a possibilidade de prazer associado ao ato de observar.

Na obra "Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan" (2010), Marco Antonio Coutinho Jorge discorre sobre a fantasia, considerando-a uma construção psíquica essencial na estruturação do sujeito. Ele entende que a fantasia desempenha um papel crucial na organização do mundo interno, permitindo a expressão e a integração dos desejos inconscientes. A fantasia, segundo o autor, não é apenas um devaneio, mas um componente central que influencia a formação da identidade e a dinâmica psíquica do indivíduo, deste modo, a fantasia ocupa o papel crucial ao colocar um objeto de desejo para suprir esta falta (Jorge, 2010)

Conforme Santos (2007), o fetichismo envolve a atribuição simbólica de propriedades ou características de outras pessoas, partes do corpo ou objetos a indivíduos ou objetos específicos. Originário do termo francês, que se traduz para "feitiço" em português, o autor ressalta que essa é a melhor descrição para o termo, já que os indivíduos fetichistas se sentem "enfeitiçados" pelos objetos que os excitam.

De acordo com Lopes (2019), os estudos da sexualidade e da sexologia traçaram uma definição acerca do fetichismo como uma forma de comportamento da vida sexual normal, que visa características de privilegiar uma parte do corpo ou objetos relacionados a mesma. Em 1905, Freud postula novas propostas a concepção do fetichismo, atualizando o conceito à teoria psicanalítica da época, onde a priori, discorre o fetichismo como a composição da perversão sexual, considerando o fetichismo como uma ordem patológica, ao qual, a ideia de escolha de um objeto ou parte do corpo seria a única escolha do sujeito como substituto de uma pessoa.

⁶ Quinet (2012) fomenta que, o "Outro" é uma dimensão simbólica e estrutural na qual os significantes são armazenados e organizados, formando a base da linguagem e da cultura, abrangendo sistemas simbólicos, normas sociais, leis, linguagem e padrões culturais, desempenhando um papel essencial na formação do sujeito, que adquire linguagem, identidade e compreensão do mundo por meio dele. Por outro lado, o "outro" é uma figura concreta com quem o sujeito interage no mundo real, podendo ser um objeto de desejo, um interlocutor na comunicação ou uma figura de autoridade. Além disso, o outro atua como um espelho para o sujeito, refletindo aspectos de si mesmo e contribuindo para sua construção identitária.

Assim, segundo Lopes (2019), para a psicanálise, o fetiche transcende a mera escolha do objeto, envolvendo uma importância e um significado específicos que o indivíduo atribui a esse objeto. Dessa forma, trata-se da representação significativa que a pessoa possui inconscientemente sobre o objeto, constituindo a verdadeira incorporação da satisfação erótica idealizada.

Deste modo, Santos (2007) fomenta que o foco da fantasia presente no fetiche comumente associa-se a objetos inanimados, destacando-se entre os mais comuns: calcinhas, soutiens, meias, sapatos, ou outras peças de vestuário.

2.4 A PORNOGRAFIA, CAPITALISMO E OBJETO

De acordo com Ceccarelli (2011), a pornografia é definida na língua portuguesa, no dicionário Houaiss, como o "estudo da prostituição" e "característica do que fere o pudor; obscenidade, indecência." A Enciclopédia Britânica descreve pornografia como a "representação do comportamento erótico em livros, quadros, estátuas, filmes etc., destinada a provocar excitação sexual." Deste modo, a palavra foi originalmente definida como qualquer obra de arte ou de literatura que retrata a vida das prostitutas. O autor pontua ainda que, derivada do grego porn(o) – *pórne* - (prostituta ou depravada) e *graphein* (escrever), pornografia refere-se a qualquer material que contenha descrições explícitas de atividades sexuais com o objetivo de excitação erótica.

No livro "A Cidade Perversa – Liberalismo e Pornografia" (2013), Dany-Robert Dufour aborda as divergências entre pornografia e erotismo. De acordo com Dufour (2013), a pornografia consiste na representação explícita de atividades sexuais com o propósito de despertar o desejo do espectador. Por outro lado, o erotismo é concebido como uma forma de expressão artística ou literária que sugere e evoca sensações sensuais e sexuais de maneira mais sutil. Enquanto a pornografia busca prioritariamente a satisfação sexual de modo explícito e muitas vezes objetificada, o erotismo explora questões mais amplas, contemplando o amor, a sensualidade e a conexão emocional entre indivíduos.

Conforme observado por Silva (2021), a comercialização do sexo e do prazer como mercadorias não é uma novidade que surgiu no final do século XIX. No entanto, é durante o desenvolvimento do capitalismo que esses elementos como produtos assumem características específicas, caracterizadas pela expansão da produção e do consumo, ao mesmo tempo em que se afasta da pornografia como uma forma de crítica social, como era comum em algumas manifestações anteriores. Em uma sociedade capitalista, que é essencialmente orientada para o

comércio, uma nova abordagem do sexo pode representar também um novo empreendimento comercial. Nesse contexto, o prazer é comercializado e consumido de diversas maneiras, inserido em uma indústria que estabelece bases sólidas e busca principalmente o lucro.

Dufour (2013) declara que, para atrair um homem no século XXI, é bastante simples, indicando que basta apresentar-lhe objetos em uma caixa chamada televisão. Se o objeto despertar seu interesse, ele só precisará ir até o supermercado mais próximo. Alternativamente, pode-se também mostrar-lhe o objeto em uma caixa um pouco diferente, o computador. Em ambas as situações, o resultado é o mesmo: uma vez que o homem se deixa envolver, é difícil para ele libertar-se.

Com o avanço da indústria cultural, a pornografia, em suas diversas formas (revistas, filmes, vídeos), é transformada em mercadorias de acordo com os princípios da produção em larga escala. Assim, a indústria pornográfica desenvolve métodos para comercializar esses produtos, o que torna essencial focar na compreensão de seus processos de produção, consumo e nas representações de gênero, sexualidade e práticas sexuais (Silva, 2021).

A autora anteriormente mencionada destaca a prevalência da lógica de um sexo moldado pelas normas da heterossexualidade no contexto das representações femininas. As cenas lésbicas são apresentadas como uma forma de sexualidade destinada ao consumo do público masculino heterossexual. A partir dessa perspectiva, Dufour (2013) observa que é possível reconhecer o aspecto sublime da produção capitalista, transformando atividades consideradas tolas em objetos rentáveis, como no caso da masturbação. No entanto, a indústria pornográfica utiliza o prazer masculino como meio de obtenção de lucro, reduzindo a imagem feminina a um objeto de prazer masculino.

2.5 SER, “ENTRE A DOR E A DELÍCIA” – OS IMPERATIVOS CONTEMPORÂNEOS

Bidaud (2023) ressalta que a adição à pornografia, vista como uma patologia, representa uma forma moderna de controle que já existia desde o declínio da religião e o monitoramento médico do corpo e da sexualidade. O autor também destaca que o pornô é um fenômeno contemporâneo diferente da pornografia histórica, pois surge no contexto fértil da reprodução de imagens e do ambiente digital.

A capacidade de experimentar a sexualidade de forma desinibida está intimamente relacionada aos estigmas sociais ainda presentes na estrutura social. De acordo com De Souza e Gagliotto (2023), a sexualidade é concebida como uma construção que emerge de influências históricas, sociais e culturais. Os autores mencionados destacam que, ao examinar a evolução

histórica da sexualidade, é possível constatar que, durante muito tempo, foi amplamente estigmatizada, e essa percepção persiste até os dias atuais. Portanto, a persistência da visão da sexualidade como um tabu nos dias atuais está intrinsecamente ligada à herança histórica que remonta a uma época em que ela era encarada como um tema perigoso, pecaminoso, vergonhoso e proibido.

Conforme Silva (2021), desde os primórdios, as produções cinematográficas com teor pornográfico têm sido concebidas para o público masculino e heterossexual. Nesse contexto, a presença feminina é frequentemente limitada a satisfazer os desejos masculinos, uma dinâmica que continua prevalecendo até os dias atuais. A autora ainda afirma que, devido a isso, é evidente como a exposição sexualizada do corpo feminino passou a ser utilizada como principal atrativo nesses filmes, sendo amplamente explorada em cartazes com títulos sugestivos. A imagem do homem e seu comportamento também possuem um recorte específico, retratadas em enredos cotidianos que abordam temas como adultério e conquistas, utilizando a imagem do homem como conquistador e garanhão, ao mesmo tempo que disseminava um imaginário que subalternizava a sexualidade feminina e objetificava o corpo da mulher.

A autora também destaca que, nesse contexto, as relações homoafetivas entre mulheres são transformadas em fetiches e moldadas pela lógica heteronormativa, servindo como formas de gratificação masculina. Nessas circunstâncias, a prática sexual entre mulheres não é considerada problemática porque se alinha à centralidade do prazer masculino. No entanto, essa fetichização das relações sexuais lésbicas ou bissexuais pode perpetuar violências e preconceitos contra esse grupo, uma vez que as interações entre mulheres que não se encaixam nessa dimensão da satisfação masculina são desacreditadas e desvalorizadas (Silva, 2021).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

As discussões teóricas, elaboradas como percurso metodológico para abordar as questões e inquietações identificadas ao longo da pesquisa, adotaram o método de abordagem qualitativa, considerado mais adequado para a busca de respostas em estudos aplicados com seres humanos. A abordagem qualitativa, segundo Gil (2017), constitui-se enquanto um método de pesquisa que se concentra na investigação dos fenômenos estudados encontrados na literatura, utilizando teorias, conceitos e diferentes perspectivas, objetificando alcançar uma maior compreensão acerca da temática em questão.

Martins e Theóphilo (2009), destacam que a pesquisa bibliográfica mostra-se relevante para a pesquisa uma vez que permite analisar, reunir e catalogar materiais elaborados anteriormente, identificando tanto suas contribuições quanto lacunas existentes, constituindo-se por meio de livros, artigos científicos, jornais, sites, dentre outras fontes de informações confiáveis. Entre as características do estudo de campo, destacou-se a pesquisa do tipo exploratória, uma vez que, na concepção de Gil (2019), visa explorar um tema, fenômeno ou problema, com o propósito de ampliar o conhecimento sobre a temática em questão.

3.2 LOCAL DE ESTUDO

A presente pesquisa foi realizada em ambiente virtual, por meio um questionário online elaborado na plataforma *Google Forms* (Apêndice I) e divulgada através da rede social *Instagram*, para que os interessados possam acessar o link e proceder o preenchimento do formulário. Para garantir a privacidade e a confidencialidade dos dados coletados, foi criado o endereço de e-mail: pesquisacientificatcc@gmail.com, de uso exclusivo para a construção e administração do instrumento.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Dado que esta pesquisa foi conduzida com uma amostra diversificada de participantes, abrangendo uma variedade de gêneros, orientações sexuais e faixas etárias, a pesquisa contou com a participação de 15 pessoas.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DO SUJEITO DE PESQUISA

Entre os critérios de inclusão para esta pesquisa, foram considerados participantes com idade igual ou superior à 18 anos, que já tiveram acesso a conteúdo pornográfico ou erótico e que foram expostos a materiais que retratam ou mencionam a sexualização de mulheres lésbicas, seja por meio de vídeos, revistas, filmes, séries, animes, entre outros. Também foram incluídos aqueles que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Consentimento Pós-Esclarecido (Anexo I). Já entre os critérios de exclusão, destacam-se a exclusão de participantes menores de 18 anos (cuja condição possa comprometer uma participação ética e segura na pesquisa), aquelas respostas as com um menor número de caracteres, e por fim, as respostas que não contemplem o objetivo da pesquisa.

3.5 INSTRUMENTOS

Para a aplicação desta pesquisa, optou-se pela utilização de um questionário semiestruturado (Apêndice I), que, segundo Marconi e Lakatos (2022), é uma técnica de investigação que compõe um conjunto de questões direcionadas ao público correspondente à pesquisa, objetivando a obtenção de informações que serão necessárias para o desenvolvimento do estudo.

Os questionários virtuais ganharam destaque na pesquisa contemporânea por sua acessibilidade e eficiência na coleta de dados. Entre as plataformas mais utilizadas, o *Google Forms* se destaca, pois facilita a criação de questionários e formulários personalizados de maneira simples e intuitiva. Segundo Mota (2019) uma das principais vantagens da ferramenta, em pesquisas acadêmicas ou de opinião, é a praticidade e facilidade de compartilhamento, já que o *link* do questionário pode ser enviado por e-mail ou redes sociais. Além disso, o *Google Forms* possibilita o monitoramento das respostas em tempo real e a visualização dos resultados em gráficos e planilhas, o que simplifica a análise dos dados coletados (Mota, 2019).

O instrumento foi composto por quatro sessões: informações gerais da pesquisa e questões éticas, assinatura do termo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Consentimento Pós-Esclarecido, dados sociodemográficos dos participantes e o roteiro com 13 perguntas norteadoras, objetivas e subjetivas, que teve como intuito mensurar as percepções dos pesquisados acerca da temática, conforme exposta no Apêndice I.

Além disso, para realização da etapa de categorização dos dados, foi utilizado o software Atlas Ti, uma ferramenta de análise qualitativa de dados que auxilia no gerenciamento, organização e visualização de informações textuais, audiovisuais ou gráficas. Ele permite a criação de códigos, a associação de ideias e o desenvolvimento de redes conceituais, facilitando a exploração e a interpretação dos dados de forma profunda e sistemática. (Atlas. Ti, 2023). A utilização do software facilitou a constituição e ordenamento das categorias para fomentar a discussão, além da organização dos dados coletados em cada categoria, segundo seu fundamento.

3.6 PROCEDIMENTOS

Essa pesquisa foi estruturada a partir de três fases: a fase bibliográfica, a pesquisa aplicada em campo e o tratamento e análise do material coletado. A etapa bibliográfica

envolveu a construção do referencial teórico, com o objetivo de explorar o tema e gerar conhecimentos essenciais para fundamentar teoricamente a prática da pesquisa, além de servir como guia para sua condução.

A fase de aplicação em campo foi dividida em duas etapas. A primeira etapa consistiu no recrutamento dos participantes, realizada por meio da rede social *Instagram*. Para alcançar pessoas interessadas em participar da pesquisa e aumentar a visibilidade do estudo, foi utilizado um card informativo e visualmente atrativo sobre a pesquisa (Apêndice II), compartilhado nos *Stories*⁷. Os sujeitos interessados foram orientados a enviar um e-mail com o assunto “quero participar da pesquisa” para o endereço exclusivo da pesquisa, recebendo assim um *link* direto para o questionário, objetivando a preservação da confidencialidade de sua participação.

A segunda etapa caracterizou-se no envio do *link* de acesso a todos os participantes interessados em integrar a pesquisa. A terceira e última etapa consistiu na escolha dos participantes, que, após o término do período de aplicação contou com um total de 17 respostas as quais foram selecionadas de acordo com os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

3.7 ANÁLISE DOS DADOS

O método de análise utilizado nesta pesquisa foi a Análise de Conteúdo, modelo desenvolvido pela pesquisadora francesa Laurence Bardin. Muito comum em estudos qualitativos, esta abordagem permite examinar o conteúdo de documentos, textos, vídeos, entrevistas, entre outros, para identificar e classificar unidades como palavras e frases. O objetivo é extrair significados e padrões presentes no material investigado, possibilitando uma compreensão mais profunda das informações coletadas. Ao usar questionários, Bardin (2016) pontua que, a análise de conteúdo busca transformar as respostas em dados significativos por meio de categorização, onde as respostas são agrupadas em unidades de significado (como palavras, frases ou temas principais). Esse processo permite inferir as percepções e atitudes dos entrevistados, facilitando uma interpretação estruturada e profunda dos dados encontrados.

Seguindo o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), a realização da análise de dados da pesquisa consistiu em três etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento e a interpretação dos resultados. A primeira etapa foi uma pré-análise, que consistiu na definição do objetivo da análise, na seleção dos materiais a serem examinados e na determinação das

⁷ O *Stories* é uma funcionalidade do *Instagram* que possibilita aos usuários compartilharem momentos por meio de fotos e vídeos. Além disso, permite mencionar outra conta, que pode repostar o conteúdo, ampliando o alcance para os seguidores tanto do perfil original quanto do perfil que republicou.

unidades de registro e análise, considerando como tais as respostas individuais de cada participante. As respostas foram organizadas em uma planilha, o que permitiu delimitar os materiais, formular hipóteses e os objetivos da análise. A segunda fase foi de exploração do material, na qual o conteúdo das respostas dos participantes foi minuciosamente analisado para identificar unidades de registro que fossem relevantes à estruturação do estudo. A última etapa consistiu no tratamento e interpretação dos dados, onde, o *software* Atlas TI. permitiu organizar e visualizar as informações de forma a identificar padrões, temas emergentes e relações entre as unidades de registro, facilitando uma análise qualitativa mais aprofundada. Essa etapa foi fundamental para a interpretação crítica dos dados, alinhando os resultados às hipóteses formuladas e aos objetivos traçados inicialmente, contribuindo para o aprofundamento das reflexões sobre os fenômenos investigados.

3.8 ASPECTOS ÉTICOS

Considerando as diretrizes éticas, o estudo foi submetido à Plataforma Brasil e encaminhado ao Comitê de Ética (CEP) do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), conforme a Resolução nº 466/12, que estabelece as diretrizes e normas para pesquisas envolvendo seres humanos (Ministério da Saúde, 2012), além da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto aprovado pelo CEP do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), tendo como inscrição o CAAE 82806924.0.0000.0301.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RESULTADOS

A pesquisa foi realizada durante o mês de outubro de 2024, com a participação de 15 pessoas, das quais 9 eram mulheres, 5 homens e 1 pessoa não-binária. Os participantes foram divididos a partir dos seguintes grupos: Grupo A – refere-se a mulheres cuja atração afetiva e/ou sexual é direcionada exclusivamente ou predominantemente para outras mulheres (Lésbicas), homens que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros homens (Gay's), e pessoas que sentem atração afetiva e/ou sexual por mais de um gênero, o que pode incluir uma combinação de homens, mulheres e pessoas de outras identidades de gênero (Bissexuais).

O Grupo B – é composto por indivíduos cuja atração afetiva e/ou sexual é direcionada exclusivamente a pessoas do gênero oposto (Heterossexuais); e por fim, o Grupo C – que inclui indivíduos cuja identidade de gênero não se encaixa exclusivamente nas categorias tradicionais de masculino ou feminino (Não-binário). Para uma melhor visualização, a divisão e a descrição dos participantes podem ser identificadas conforme exposto a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 – Identificação dos participantes

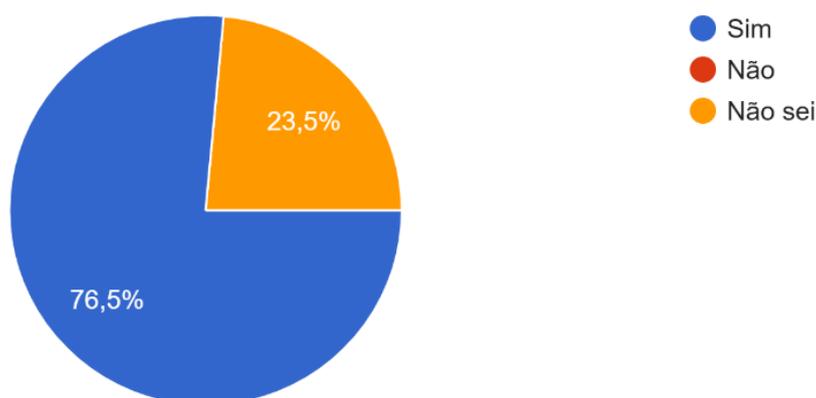
PARTICIPANTES	GRUPOS
P1- Mulher, 27 anos, lésbica	A – Lésbicas, Gay's e Bissexuais
P2 - Mulher, 23 anos, lésbica	
P3 - Homem, 27 anos, gay	
P4 - Homem, 21 anos, gay	
P5 - Mulher, 28 anos, bissexual	
P6 - Mulher, 19 anos, bissexual	
P7 - Homem, 29 anos, hétero	B – Heterossexuais
P8 - Homem, 49 anos, hétero	
P9 - Homem, 19 anos, hétero	
P10 - Mulher, 27 anos, hétero	
P11 - Mulher, 25 anos, hétero	
P12 - Mulher, 48 anos, hétero	
P13 - Mulher, 28 anos, hétero	
P14 - Mulher, 19 anos, hétero	
P15 - Não-binário, 20 anos, assexual aromântico ⁸	C – Não-Binário

As questões objetivas do instrumento ofereceram contribuições importantes para a pesquisa, permitindo a criação de um panorama amplo sobre a percepção social e os efeitos da sexualização e representação de mulheres lésbicas. Nesse contexto, a pesquisa destacou a avaliação do nível de familiaridade dos participantes com o tema, por meio da questão **1 – Você sabe o que é pornografia?** – e da questão **2 – Você já viu algo sobre a temática?** –, às quais todos os participantes responderam afirmativamente.

⁸ Uma pessoa assexual aromântica é alguém que não experimenta atração sexual, nem atração romântica por outros indivíduos.

A fim de entender as percepções sobre a representação feminina na pornografia, a questão 9 – **Você acredita que a imagem das mulheres lésbicas é sexualizada de forma diferente em conteúdo pornográfico em comparação com outros tipos de conteúdo?** – possibilitou investigar a visão dos participantes sobre a sexualização de mulheres lésbicas na pornografia em relação a outros contextos. Esse aspecto é ilustrado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Questão 9 (Imagem da mulher lésbica na pornografia)

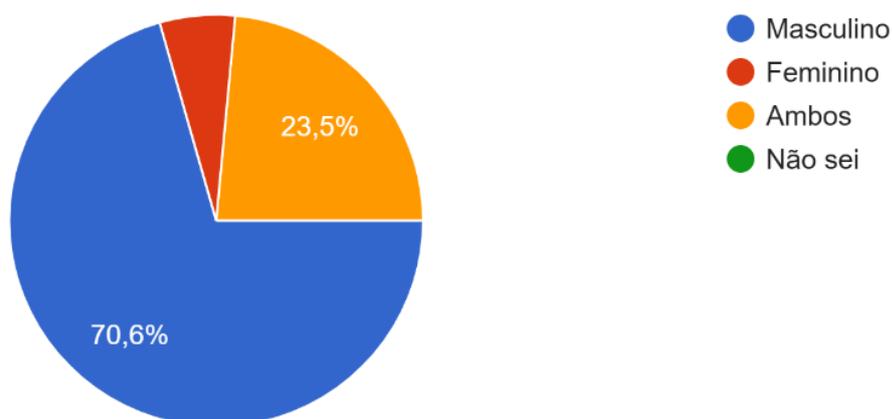


Fonte: Reprodução Google Forms (2024).

Conforme os resultados da pesquisa, 76,5% dos participantes afirmaram que a imagem de mulheres lésbicas é sexualizada de maneira distinta em comparação a outros tipos de conteúdo. Por outro lado, 23,5% dos participantes declararam não saber como responder a essa questão.

Outro aspecto abordado na pesquisa refere-se ao público-alvo para o qual esses conteúdos são produzidos e direcionados. O objetivo foi compreender, com base na percepção dos participantes, as dinâmicas de consumo e os interesses de mercado que moldam a produção desses materiais. Esse ponto está representado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Questão 10 (Conteúdo pornográfico em relação ao gênero)

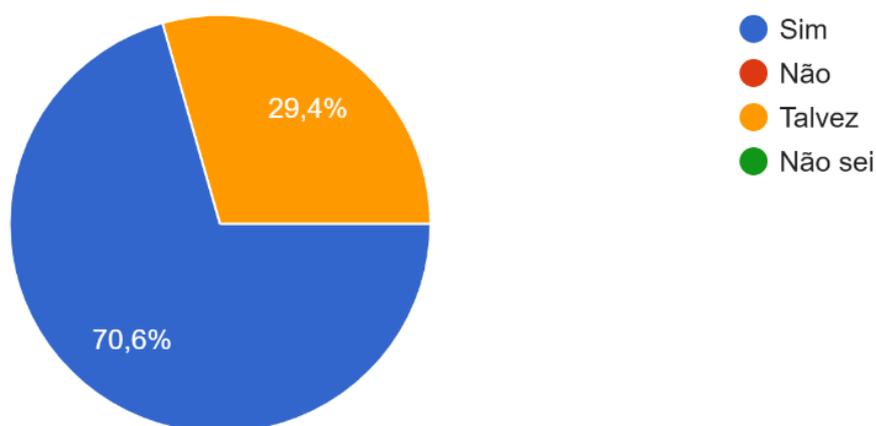


Fonte: Reprodução Google Forms (2024).

De acordo com os dados da pesquisa, 70,6% dos participantes acreditam que a representação de mulheres lésbicas na pornografia é direcionada exclusivamente ao público masculino. Já 23,5% consideram que esses conteúdos são voltados tanto para o público masculino quanto para o feminino. Vale destacar que apenas um participante apontou que esses materiais são direcionados exclusivamente ao público feminino.

O estudo procurou explorar as possíveis relações entre a representação midiática e os preconceitos sociais, buscando também compreender se esses conteúdos contribuem para reforçar ou desafiar estereótipos sobre mulheres lésbicas, como ilustrado no gráfico 3.

Gráfico 3 – Questão 11 (Percepção social sobre a comunidade lésbica)



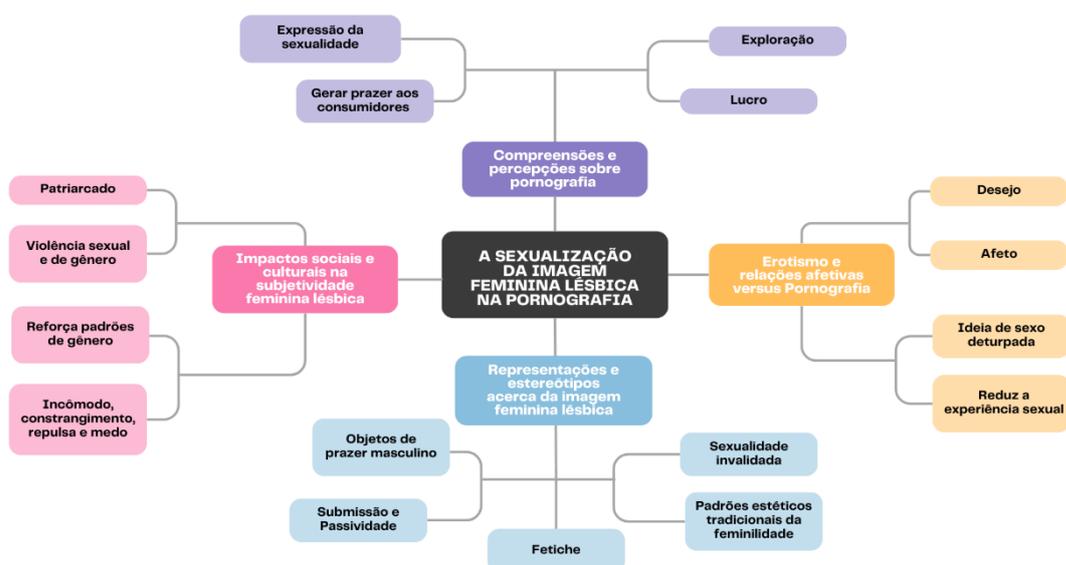
Fonte: Reprodução Google Forms (2024).

De acordo com os dados, 70,6% dos participantes acreditam que a representação da mulher lésbica na pornografia influencia a percepção social sobre a comunidade lésbica, enquanto 29,4% afirmaram não saber se há essa correlação.

Assim, as questões objetivas apresentadas aos participantes possibilitaram uma análise estatística detalhada, permitindo identificar padrões e tendências nas respostas. Essa abordagem quantitativa não apenas facilitou a organização e interpretação dos dados, mas também serviu como base para aprofundar discussões relevantes ao tema.

A análise dos discursos permitiu sintetizar os dados, destacando as palavras e expressões mais recorrentes nas falas dos participantes, o que ajudou a definir as principais variáveis que embasam a discussão deste estudo. Com base nas respostas obtidas, foram estabelecidas quatro categorias para orientar as discussões; em cada uma, verificou-se a predominância de certas palavras e expressões. Esses elementos foram organizados em um esquema visual, facilitando a visualização dos dados relevantes, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Esquema visual das categorias analíticas



Fonte: Elaboração própria (2024)

A partir do esquema visual apresentado, identificou-se que os termos mais frequentes nos discursos dos participantes incluíram “desejo”, “sexo”, “fetiche” e “prazer”, acompanhados de expressões como “comercialização do sexo”, “reforça estereótipos e dinâmicas de poder”, “para o público masculino”, “sexualidade invalidada”, “reforça preconceitos” e “violência sexual e de gênero”. Palavras como “machismo”, “repulsa”, “desânimo” e “medo” também apareceram com destaque nas falas. O tratamento do material foi direcionado pela análise dos discursos, buscando identificar em quais categorias esses elementos se enquadravam para uma

discussão crítica fundamentada teoricamente, visando responder aos objetivos e à problemática deste estudo.

Essas recorrências possibilitaram uma categorização dos dados, organizando-os em quatro categorias principais: **Categoria 1 – As diferentes compreensões e percepções acerca da pornografia;** **Categoria 2 – Erotismo e vínculos afetivos em contraste com a pornografia;** **Categoria 3 – Representações e estereótipos associados à imagem feminina lésbica;** e **Categoria 4 – Impactos sociais e culturais na subjetividade feminina lésbica.**

As categorias foram constituídas a partir do agrupamento e análise das falas dos participantes para apuração das principais temáticas, relacionadas a sexualização feminina lésbica e a sua relação com a indústria pornográfica, que apareceram nas respostas dos participantes. Assim, a Categoria 1 agrupa discursos que refletem as diversas formas de compreensão da pornografia no contexto social e moral, abordando tanto a sua aceitação quanto as críticas morais, além de reflexões sobre sua influência na cultura e na sociedade. A Categoria 2, por sua vez, reúne falas que exploram a diferença entre erotismo e vínculos afetivos em contraste com a pornografia, destacando o impacto deste último sobre as expectativas relacionadas ao sexo e à intimidade.

A Categoria 3 concentra discursos que apontam a percepção sobre a imagem da mulher lésbica, ressaltando as representações e estereótipos mais comuns associados a essa identidade. Por fim, a Categoria 4 reúne falas que enfatizam os impactos sociais e culturais da produção desses conteúdos na subjetividade feminina lésbica, além de explorar as narrativas específicas das mulheres lésbicas. Dessa forma, após a obtenção dos resultados e a realização do tratamento e categorização dos dados, desenvolveu-se uma discussão sobre esses materiais, apresentada no próximo tópico. Essa discussão é fundamentada nas teorias abordadas neste estudo e inclui uma análise crítica das argumentações levantadas.

4.2 DISCUSSÕES

Neste tópico, serão analisados os materiais coletados através do tratamento das respostas do instrumento e da categorização dos dados, relacionando as categorias com as falas dos participantes e embasando-as teoricamente, além de incluir uma análise crítica realizada pela pesquisadora.

4.2.1 Categoria 1 – As diferentes compreensões e percepções acerca da pornografia

Como descrito na metodologia, a pesquisa delineou-se a partir da aplicação de um questionário (Apêndice I) o qual foi adaptado ao contexto virtual na plataforma *Google Forms*. As questões foram elaboradas para entender o nível de familiaridade, exposição e compreensão dos participantes sobre o tema da pornografia, desse modo, esta categoria examina as diferentes interpretações dos participantes sobre a pornografia, considerando suas percepções morais e sociais.

Os discursos coletados por meio do questionário, trouxeram à tona definições e compreensões sobre a pornografia, e, em alguns casos, uma acessível da pornografia como uma forma de expressão ou entretenimento. A pornografia foi definida por 3 participantes, como uma representação explícita de atos sexuais explícitos para a atração e prazer do espectador, este fator pode ser observado nas falas dos participantes 8, 10 e 12:

Compreendo que a pornografia se manifesta pela e a utilização de recursos audiovisuais para consumo de conteúdos de práticas sexuais diversas, objetivando a geração de prazer aos indivíduos consumidores de tais conteúdos (Participante 8 – Homem, 49, hétero).

Diz respeito a um material produzido de modo explícito para despertar a estimulação sexual daquele que consome esse tipo de conteúdo (Participante 10 – Mulher, 27, hétero).

Acho que pornografia é a exposição visual do ato sexual, com foco somente no ato em si (Participante 12 – Mulher, 48, hétero).

A compreensão dessa definição se conecta com o conceito de Ceccarelli (2011), que descreve a pornografia como uma obra com o propósito de provocar motivação sexual, distinguindo-se do erotismo por sua objetividade e foco no desejo imediato.

Em contrapartida, as produções pornográficas, para outros participantes, associam-se a mercantilização e ao lucro a partir da exploração dos corpos e do ato sexual. Essa percepção pode ser observada na fala do participante 3 que afirma: *“pornografia é a forma midiática de comercializar o sexo. Mesmo quando os vídeos são gratuitos, estão em sites que ganham dinheiro com propagandas de produtos do gênero”* Participante 3 – (Homem, 27, gay).

A resposta do participante sugere que a pornografia visa a utilização dos corpos para “lucrar” com a satisfação dos desejos daqueles que consomem estes conteúdos. Essa visão vai ao encontro das análises teóricas de Dufour (2013) e Silva (2021), que discutem a pornografia como um produto do capitalismo, onde o prazer e o desejo são transformados em mercadorias.

A exploração e mercantilização dos corpos na pornografia não se limita à imagem projetada nas telas, mas também se reflete nas condições de trabalho e nas experiências frequentemente desumanizantes dos indivíduos envolvidos na produção desses conteúdos, fato este que pode ser observado a partir da contribuição do participante 15, destacando que *“boa*

parte da indústria pornográfica, se não toda, se beneficia as custas de condições de trabalho precárias e desumanas e produzindo conteúdo gerador de vício e altamente degradantes”

Participante 15 – (Não-binário, 21, assexual aromântico).

Para o participante, a percepção de exploração e movimentação dos corpos vai além da tela, estendendo-se às pessoas que atuam na indústria, expostas a ambientes de trabalho onde seu bem-estar físico e emocional são superados. Esse ponto se alinha com estudos de Monteiro e Vianna (2021), que destacam a frequência de situações abusivas e a falta de proteção aos direitos humanos dos trabalhadores da indústria pornográfica, além do impacto da pornografia na perpetuação da violência de gênero, onde as representações tornam-se repetidamente desumanizantes para as mulheres e expostas para um ciclo de exploração.

A pornografia, para alguns, é vista como um meio de expressão da própria sexualidade, conforme expõe o participante 4: *“Compreendo a pornografia relacionada a conteúdos voltados à excitação sexual, como vídeos, imagens e textos, e desempenha um papel significativo na forma como muitas pessoas vivenciam a sexualidade”* Participante 4 – (Homem, 21, gay). Dessa forma, essa exposição permite a vivência de fantasias que, em contextos reais, poderiam ser socialmente inaceitáveis ou difíceis de experimentar, essa visão reflete ainda, uma acessibilidade da pornografia enquanto parte de uma exploração individual da sexualidade.

Esse relato destaca como a pornografia permite uma exploração visual e simbólica de desejos que, para muitos, representam uma válvula de escape para a libido, tornando-se um espaço onde as normas sociais podem ser momentaneamente suspensas. Isso se alinha com a noção psicanalítica de fantasia de Coutinho Jorge (2010), que entende a fantasia como uma construção psíquica essencial para o indivíduo, onde desejos inconscientes e reprimidos encontram um espaço de expressão.

Em síntese, o debate nesta categoria destaca as diversas interpretações dos participantes em relação à pornografia, destacando suas interpretações, críticas e diferentes pontos de vista sobre a função desse conteúdo. Assim, a categoria destaca não apenas as diferentes percepções sobre o tema, mas também a ambivalência dos participantes em relação à sua presença e papel na vida contemporânea.

4.2.2 Categoria 2 – Erotismo e vínculos afetivos em contraste com a pornografia

Nesta seção, discutiremos as diferentes interpretações que os participantes têm sobre erotismo e pornografia, especialmente no que diz respeito ao impacto dessas experiências na

formação de vínculos afetivos. Os discursos coletados refletiram a perspectiva de que o erotismo envolve um contato mais significativo, em que o desejo é construído através da intimidação e do vínculo afetivo, em vez de ser pautado apenas no corpo como produto de prazer. A definição de erotismo emerge para os participantes 1 e 3, que afirmam:

Se trata da conexão e do desejo. É sobre a intimidade e atração das pessoas (Participante 1 – Mulher, 27, lésbica).

É tudo aquilo que remete à excitação sexual. Às vezes, um vídeo de sexo pode ser zero erótico e uma cena sutil de cinema pode ser super erótica (Participante 3 – Homem, 27, gay).

Assim, o erotismo associa-se a uma experiência que transcende o físico e se enraíza na comunicação emocional e na criação de intimidade entre as pessoas envolvidas. Dufour (2013), considera que o erotismo distingue-se da pornografia, pois, o erotismo envolve uma exploração mais sutil e rica do desejo, sendo associado a uma conexão mais profunda e pessoal.

Deste modo, o erotismo associa-se a uma forma de expressão que combina o afeto e o desejo, entendido como uma manifestação da sexualidade que abrange elementos de cuidado, respeito e valorização mútua. Este fator emerge na resposta de um participante, afirmando compreendê-lo *“como algo que diz respeito a nossa libido, aos nossos desejos sexuais profundos que sentimos vontade de realizá-los, mas de uma forma segura e confortável. Isso eu não vejo nas pornografias, não vejo erotismo nesse conteúdo”* Participante 11 – (Mulher, 25, hétero).

Com base nisso, o erotismo pode caracterizar-se como um espaço onde o desejo pode se manifestar sem pressa, com um ritmo que respeita as singularidades e a complexidade emocional de cada indivíduo, onde, não se limita ao prazer imediato, mas busca uma interação mais profunda e humanizada, onde o corpo é valorizado como um meio de conexão emocional, e não apenas um objeto de consumo. Essa visão se aproxima das reflexões de Dufour (2013), que considera o erotismo como uma vivência do desejo que se diferencia da pornografia pela sua dimensão de sensualidade sutil e envolvente. No erotismo, segundo o autor, a satisfação não se dá apenas pelo ato sexual em si, mas pela expectativa, pela construção do momento, e pela troca de olhares e gestos, que criam um ambiente de intimidação.

A diferença do erotismo em relação à pornografia, nesse contexto, torna-se ainda mais evidente no discurso da participante 12 – (Mulher, 48, hétero), que afirma que a indústria pornográfica *“mostra uma triste realidade”* em que ocorre *“uma banalização do ato sexual e do corpo”*. Um dos principais pontos levantados pelos participantes é que a pornografia

estabelece expectativas irreais sobre o sexo, o corpo e o desempenho sexual, especialmente para os jovens e para aqueles que têm pouca experiência.

Esse contraste é reforçado pela visão do participante 3 – (Homem, 27, Gay) que afirma, ter tido acesso aos conteúdos adultos muito jovem, e destaca que, em sua opinião, “*pior do que você assistir pornografia é você assistir pornografia sem nunca ter transado na vida. Porque você começa a construir uma ideia de sexo completamente deturpada*”. Deste modo, a maneira como a pornografia retrata o ato sexual — focada na performance, em corpos idealizados e em práticas estereotipadas — influencia os consumidores a desenvolverem uma distorção do sexo.

A pornografia é amplamente vista como um produto comercial que simplifica e reduz a experiência sexual a um consumo visual imediato. Essa visão é reforçada pelas análises de Barros et al. (2020), que destacam que a pornografia é projetada para o consumo e tende a perpetuar padrões rígidos de comportamento e desempenho, onde os corpos são moldados para atender a uma demanda específica, ignorando a reciprocidade e o afeto que caracterizam as relações íntimas. Para os participantes, esse foco exclusivo no corpo e na performance resulta em uma experiência sexual fragmentada, que distorce a forma como as relações são vivenciadas na realidade, reforçando uma visão de prazer que separa o desejo do vínculo afetivo.

Essa categoria evidencia uma clara diferença entre o erotismo, entendido como uma construção íntima, e a pornografia, vista como uma prática comercial e objetificante. A análise dos relatos indica que a pornografia, ao retratar relações de maneira mecânica e despersonalizada, não corresponde ao erotismo genuíno e à conexão emocional que os participantes buscam em suas interações. A visão crítica dos participantes ressalta a importância de uma representação da sexualidade que seja mais humana e menos estereotipada, valorizando o afeto e a igualdade nas relações.

4.2.3 Categoria 3 – Representações e estereótipos associados à imagem feminina lésbica

Na análise dos discursos dos participantes, emergiu um padrão de críticas contidas às representações e estereótipos perpetuados pela pornografia sobre a imagem feminina lésbica. Essa categoria destaca como essas representações moldam e reforçam visões invejadas e específicas, transformando mulheres lésbicas em objetos de prazer masculino, atribuindo-lhes características de submissão e passividade, invalidando sua sexualidade e impondo padrões estéticos tradicionais de feminilidade.

Um dos aspectos mais recorrentes nas falas dos participantes foi a percepção de que a pornografia retrata mulheres lésbicas sob a ótica do prazer masculino. Essas concepções podem

ser observadas a partir das falas dos participantes 3 e 5, que expressam essas críticas acerca das representações da imagem feminina lésbica em produções pornográficas:

São sempre desesperadas por homens e por falos e sua função de existência ali é satisfatória os homens, os que estão com elas no ato e os que estão visualizados (Participante 3 – Homem, 27, gay).

São comumente extremos, pouco se vê de equilíbrio, são situações onde a mulher nada mais é que o "objeto" de prazer de homens, ela está lá para proporcionar prazer ao ator, e, principalmente ao consumidor de pornografia (Participante 5 – Mulher, 28, bissexual).

Essa visão evidencia como a pornografia fetichiza a relação lésbica, transformando-a em um espetáculo apresentado para o consumo masculino. Os depoimentos dos participantes revelam uma crítica comum sobre a forma como a pornografia retrata as mulheres, muitas vezes reduzidas a objetos de consumo e privando-as de individualidade e agência, este fator pode ser observado também nas falas dos participantes 9 e 14:

Já assisti alguns vídeos e na maioria dos casos, as mulheres são tratadas como um objeto, mostruário (Participante 9 – Homem, 19, hétero).

São usadas apenas como objetos sexuais para o prazer masculino (Participante 14 – Mulher, 19, hétero).

Nesse contexto, as observações de Silva (2021), apontam que a pornografia representa o corpo feminino de forma hiper-sexualizada e estereotipada, comumente voltada ao consumo masculino heterossexual, especialmente em produções que envolvem mulheres lésbicas. Esse tipo de conteúdo, segundo a autora, perpetua uma imagem feminina que atende ao olhar e fetiche masculino, ignorando as complexidades das relações afetivas e sexuais entre mulheres e, assim, reforçando preconceitos e estereótipos.

Outro aspecto recorrente nas narrativas dos participantes é a atribuição de características de submissão e passividade às mulheres na pornografia é uma extensão da objetificação que reduz os papéis estereotipados. Esse aspecto é ressaltado nas contribuições das participantes 1, 4 e 10, que apontam a mulher como:

Submissas, tendo assim sua sexualidade invalidada (Participante 1 – Mulher, 27, lésbica).

Muitas vezes, elas são retratadas de forma objetificada, com foco exagerado em seus corpos e no prazer masculino, reforçando uma ideia de que seu papel é passivo ou submisso nas relações sexuais e cotidianas (Participante 4 – Homem, 21, gay).

Acessório para estimular o prazer do homem, se coloca como uma ideia do que a sociedade ainda tem das mulheres, como submissas ao homem, objetos para o seu prazer (Participante 10 – Mulher, 28, hétero).

Esta contribuição destaca como as mulheres são comumente retratadas em posições de inferioridade, sem agência ou voz própria. Essa visão crítica expõe como as representações pornográficas perpetuam a ideia de que as mulheres, incluindo aquelas que se identificam como lésbicas, são submissas e existencialmente vinculadas à satisfação dos desejos masculinos. Barros *et al.* (2020) discutem como essa imposição de passividade reforça a ideia de que as mulheres ocupam um lugar submisso na posição de poder sexual, contribuindo para uma narrativa em que sua autonomia é constantemente negada.

Além disso, os participantes destacam que a sexualidade lésbica, quando representada, é muitas vezes invalidada, desconsiderando a autenticidade e complexidade dessas vivências, conforme destacado o participante 4, “*as narrativas comuns na pornografia podem criar expectativas distorcidas sobre como as mulheres devem se comportar sexualmente, muitas vezes ignorando a diversidade de experiências, corpos e expressões da sexualidade feminina*” (Participante 4 – Homem, 21, gay).

Toledo (2008) também abordou essa questão ao descrever como a sociedade, e especialmente a mídia, muitas vezes marginaliza e invalida a experiência lésbica, desconsiderando-a ou moldando-a de acordo com os padrões heteronormativos. Além disso, Ceccarelli (2011) aponta que a pornografia transforma o corpo feminino em mercadoria, servindo ao espectador sem respeitar a pluralidade de identidades, incluindo as lésbicas, que são muitas vezes tratadas de forma superficial e caricata. Essa invalidação afeta a percepção de que as próprias mulheres lésbicas têm de suas identidades e forma de vivenciar sua sexualidade, reforçando um ciclo de invisibilidade e marginalização.

A representação da mulher lésbica na pornografia, de acordo com os participantes, está quase sempre associada a “*padrões beleza e comportamento feminino*” (Participante 2 – Mulher, 23, lésbica), tradicionais de feminilidade que buscam atender às expectativas de beleza e atração masculina, pois, “*a maioria dos conteúdos são com mulheres que performam feminilidade e que sejam "padrãozinho", pois mulheres 'desfem'⁹ vão contra o male gaze¹⁰*” (Participante 15 – Não-Binário, 21, Assexual aromântico). Essa imposição de padrões estéticos não só reflete as expectativas de atração masculina, mas também reforça a fetichização da feminilidade nas relações homoafetivas. Esse ponto reflete as observações de Butler (2018) sobre como o sistema patriarcal impõe às mulheres uma feminilidade normatizada, limitando suas expressões de gênero e desconsiderando suas identidades.

⁹ No vocabulário da comunidade lésbica, a expressão remete àquelas que não performam os padrões de feminilidade.

¹⁰ O conceito denota a representação feminina a partir da ótica masculina.

Quando as mulheres lésbicas são apresentadas de acordo com esses padrões idealizados, sua aparência não atende apenas a uma demanda visual, mas também transforma a relação entre elas em um objeto de fantasia e desejo para o espectador masculino. Toledo (2008) aborda essa questão ao observar que as representações dominantes desconsideram as múltiplas formas de vivenciar a lesbianidade, especialmente aquelas que desafiam as convenções de gênero e feminilidade.

Esta categoria revela como as representações pornográficas distorcem e limitam a compreensão da lesbianidade ao retratá-la a partir de uma perspectiva que serve predominantemente ao olhar e ao prazer masculino. A análise das falas dos participantes destaca que, ao serem apresentadas como objetos de prazer visual, as mulheres lésbicas são desumanizadas, sua sexualidade é invalidada, e suas experiências específicas são renovadas por fetiches e padrões estéticos tradicionais de feminilidade que se distanciam da realidade vívida por muitas dessas mulheres.

4.2.4 Categoria 4 – Impactos sociais e culturais na subjetividade feminina lésbica

Na categoria, exploram-se como a cultura machista e as representações pornográficas moldam a autopercepção e a vivência da sexualidade das mulheres lésbicas. Ao analisarmos os relatos dos participantes, especialmente das mulheres, surgem temas como o impacto do machismo, a violência de gênero, o reforço de preconceitos e os sentimentos de exclusão que essas representações culturais geram.

Ao questionar os participantes sobre seus sentimentos em relação ao tema, destacaram-se a resposta da participante 1 – (Mulher, 27, lésbica), que afirmou sentir-se “*objetificada, desrespeitada*”. A análise da fala da participante evidencia como essas representações reforçam preconceitos e afetam profundamente a autopercepção, a identidade e o modo como essas mulheres vivenciam suas relações e suas próprias sexualidades.

Enquanto mulher, sinto desânimo. Muita foi a luta para sermos enxergadas como pessoas em uma sociedade onde o machismo impera para, ainda nos tempos de hoje, ver pessoas atribuindo à outras mulheres estereótipos misóginos e sexistas, o que contribui diretamente, creio eu, na maneira como a comunidade enxerga a mulher lésbica (Participante 5 – Mulher, 28, bissexual).

A participante revela que, sob uma ótica machista, a sexualidade feminina lésbica é deslegitimada e reduzida a um fetiche que serve ao olhar masculino, desse modo, as relações entre mulheres são frequentemente interpretadas como algo que existe para o prazer do homem

heterossexual, ignorando sua autenticidade e tratando-as como uma extensão dos desejos heteronormativos.

Acredito que a grande maioria da produção de conteúdo pornográfico é voltada para o público masculino em decorrência do papel secundário imposto por grande parte das sociedades contemporâneas à condição de existência das mulheres de um modo geral qual seja, a de uma existência subserviente e assessoria aos homens, pretensos detentores naturais de dominância em todas as relações da sociedade (Participante 8 – Homem, 49, hétero).

Esse impacto é abordado por Colling (2004), que destaca que a sociedade frequentemente modela a mulher sob uma ótica patriarcal, reforçando papéis de gênero que condicionam seu valor e comportamento às expectativas masculinas. Na pornografia, essa imposição se reflete na fetichização da lesbianidade, transformando a relação entre mulheres em um espetáculo de submissão e de erotização voltada exclusivamente para a satisfação masculina.

Outro aspecto central dessa categoria é a violência de gênero e sexual que permeia a vida das mulheres lésbicas, acentuada pela representação objetificada e desumanizada de seus corpos e identidades.

O sexo é retratado de uma forma violenta e errônea. O sexo retratado nas pornografias, na minha opinião, reforça e naturaliza certas violências que são pauta de muitos movimentos sociais contra violência sexual e de gênero, assim como reforça o machismo e o poder do homem sobre a mulher, fruto das raízes patriarcais (Participante 11 – Mulher, 25, hétero).

Esse tipo de violência simbólica e psicológica é discutido por Monteiro e Vianna (2021), que apontam que a pornografia contribui para perpetuar uma cultura onde a violência contra as mulheres é vista como entretenimento. Dessa forma, na vida cotidiana, essa banalização da violência reforça comportamentos discriminatórios e gera insegurança e marginalização para mulheres lésbicas, que se tornam mais vulneráveis a agressões tanto físicas quanto psicológicas.

Essas representações limitam a construção de uma identidade autêntica e positiva para as mulheres lésbicas, que muitas vezes enfrentam desafios de aceitação devido à falta de representatividade verídica e respeitosa em espaços sociais e culturais. Como discutem Louro (2003) e Cavalcante (2021), a identidade de gênero e a sexualidade são construções que deveriam ser respeitadas em sua diversidade, mas a sociedade patriarcal e heteronormativa busca impor limites e estigmas a essas expressões, perpetuando uma visão restrita que invalida ou fetichiza suas existências.

Sentimentos de incômodo, constrangimento e repulsa são recorrentes nos relatos das participantes, evidenciando o peso emocional e psicológico de viver em uma sociedade que marginaliza e desvaloriza a imagem feminina. A participante 10 – (Mulher, 27, hétero)

exemplifica esse sentimento ao afirmar: *“Me causa muito incômodo e repulsa. Não me sinto confortável em falar sobre essa temática”*. A participante 1 – (Mulher, 27, lésbica), enquanto mulher lésbica, relata que o tema desperta nela sentimentos de *“receio”* e *“medo”*. Esses efeitos estão alinhados com a análise de Souza e Gonçalves (2020), que apontam que a invisibilização das mulheres lésbicas acarreta impactos psicológicos, afetando sua autoestima e seu senso de pertencimento. Contudo, a constante redução de suas experiências a uma fantasia destinada ao consumo masculino ou a uma *“fase”* transitória provoca conflitos internos e sociais, dificultando que vivam plenamente sua sexualidade.

Essa cultura, que rotula a sexualidade lésbica como uma fase ou uma fantasia transitória, legitima apenas uma validação seletiva dessas mulheres, criando uma realidade em que elas são forçadas a justificar suas orientações para evitar julgamentos e estigmas (Santos, 2007). Isso gera uma autodefesa contínua, dificultando que essas mulheres vivam suas identidades de maneira plena e respeitada.

Dessa forma, Garcia-Roza (2012) afirma que os estudos psicanalíticos de Freud sobre a pulsão escópica e o fetiche se mostram relevantes para entender a objetificação na pornografia, onde a fantasia e a exploração de partes do corpo são incentivadas para satisfação imediata. Lopes (2019) complementa ao dizer que o fetiche na pornografia transcende a escolha de um objeto específico e adquire significado profundo ao moldar o prazer e o desejo, muitas vezes com implicações que desumanizam a pessoa em prol da satisfação visual.

Para os participantes 6 e 15, a representação da mulher lésbica na pornografia e a exploração dos corpos femininos em geral apontam para a necessidade urgente de debates mais profundos e críticos sobre a pornografia, seu impacto social e as visões de gênero que perpetua.

Acho necessário que existam debates sobre a temática, não me sinto desconfortável falando sobre, mas entendo que existem tabus (Participante 15 – Não-binário, 21, assexual aromântico).

Acredito ser ainda um desafio compreender o tema totalmente, pois é muito complexo. A pornografia hoje alimenta uma indústria bastante problemática e que lucra com a exploração e objetificação de corpos, principalmente femininos, além de favorecer o surgimento de vício nos espectadores. Ao mesmo tempo que a maioria das críticas dirigidas a ela são de cunho moralista e hipócrita (Participante 6 – Mulher, 19, bissexual).

Isso evidencia que, apesar de vivermos em uma sociedade onde questões de gênero e sexualidade são discutidas de forma mais aberta, ainda existem barreiras que dificultam uma análise genuína e crítica da pornografia e de suas implicações. As falas dos participantes convergem com as reflexões de Dufour (2013), que apontam para a transformação do corpo em um produto de consumo na sociedade capitalista. Além disso, dialogam com Ceccarelli (2011),

que destaca como a pornografia tende a deslocar o debate para questões moralistas, negligenciando uma análise mais profunda de seus efeitos sociais, psicológicos e éticos.

Em síntese, esse aspecto evidencia que o debate sobre pornografia e seus efeitos sociais e culturais nas mulheres lésbicas vai além de críticas moralistas; trata-se de analisar como a indústria explora e objetifica corpos femininos, perpetuando estereótipos de gênero e deslegitimando as experiências lésbicas. Os participantes ressaltam a importância de promover um debate franco e crítico que explore essas questões de maneira aprofundada, levando em conta a complexidade do tema e os tabus que ainda cercam a sexualidade feminina. Contudo, o forte peso cultural e moralista associado à temática continua sendo um obstáculo para o avanço dessas discussões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo investigou as percepções acerca da pornografia, com foco em seus efeitos sobre a subjetividade feminina lésbica, ressaltando as dinâmicas sociais e culturais que promovem a objetificação e perpetuam estereótipos ligados a essa identidade. Observou-se que as representações pornográficas, voltadas ao olhar masculino, limitam a diversidade das identidades lésbicas, reforçam preconceitos e reduzem a sexualidade feminina a um fetiche.

A pesquisa também revelou que tais estereótipos perpetuam uma cultura machista e sexista, aprofundando desigualdades de gênero e invisibilizando vivências que fogem ao padrão dominante, comprometendo a valorização da pluralidade e das experiências lésbicas.

Outro ponto relevante foi a influência das teorias psicanalíticas sobre a pulsão escópica e o fetiche na pornografia, que ajudaram a compreender os mecanismos psíquicos que sustentam o consumo de pornografia, revelando como a fantasia e a objetificação se entrelaçam na busca por satisfação. Além disso, a pesquisa suscitou discussões sobre os efeitos do capitalismo e do consumo compulsivo, que não só exploram a imagem feminina, mas também alimentam uma cultura de alienação e dependência.

A ausência de representações autênticas não apenas exclui a identidade lésbica, mas também invalida suas experiências, gerando um apagamento simbólico que afeta profundamente o senso de pertencimento e a autoestima dessas mulheres. Diante disso, a pesquisa ressaltou a necessidade urgente de expandir os estudos que tratem da subjetividade feminina lésbica de maneira abrangente, considerando suas múltiplas dimensões. Essa ampliação é crucial para criar espaços onde suas narrativas sejam reconhecidas e suas vozes devidamente valorizadas.

Partindo deste pressuposto, viu-se a importância de abrir espaço para debates mais profundos e críticos sobre a pornografia, destacando a necessidade de desmistificar o tema e discuti-lo sem o viés moralista predominante, promovendo uma compreensão que valorize o respeito à diversidade e a complexidade da sexualidade feminina. Nesse sentido, a análise psicanalítica e social do tema oferece subsídios importantes para abordar os efeitos da pornografia de forma integrada e contextualizada.

A ampliação de estudos e discussões sobre o tema possibilita uma visão crítica e consciente, contribuindo para a desmistificação dos estigmas e a promoção de uma abordagem mais inclusiva e saudável da sexualidade. Ademais, pesquisas futuras podem explorar o papel da pornografia na construção da subjetividade em outros grupos, fomentando debates que favoreçam o respeito e a valorização das identidades e relações diversas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Isabela Guimarães; MOREIRA, Lisandra Espíndula; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Saúde de mulheres lésbicas e bissexuais: política, movimento e heteronormatividade. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 12, n. 3, p. 145-161, set. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2020000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jun. 2024. <https://doi.org/10.20435/pssa.vi.1072>.
- ATLAS. TI. **The qualitative data analysis & research software**. 2023. Disponível em: <https://atlasti.com/>. Acesso em: 05 nov. 2024.
- BAÉRE, F. (2022). **Saúde mental na militância de dissidências sexuais e de gênero: lutas por representatividade no movimento LGBTQIA+ brasileiro** [Tese de Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília].
- BAÉRE, Felipe; ZANELLO, Valeska. A saúde mental nas ondas do movimento LGBTQIA+ brasileiro. **Historiæ**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 129–150, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/12302>. Acesso em: 10 maio. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 141 p. Tradução de: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro.
- BARROS, E. A. *et al.* A mulher como produto de satisfação masculina na pornografia: uma análise histórico-social. **REVES - Revista Relações Sociais**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 17001–17014, 2020. DOI: 10.18540/revesv13iss4pp17001-17014. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/10380>. Acesso em: 1 maio. 2024.
- BASTOS, R. A. S. M.; NOGUEIRA, J. R. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. **Revista Dimensões**, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 12-30. ISSN: 2179-8869. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/13864>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BAUSUM, Ann. **Stonewall: breaking out in the fight for gay rights**. New York: Penguin Group, 2015.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDAUD, Éric. **Psicanálise e pornografia**. Tradução: Arthur Teixeira Pereira. – 1 ed. – Rio de Janeiro: 7 letras, 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar – 1 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. *Epub*. ISBN 978-85-200-1371-7 (recurso eletrônico).
- CARNEIRO, Ailton dos Santos. A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil 1978-1990. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, Florianópolis, 2015. Disponível

em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/34-snh28?start=20>. Acesso em: 12 mai. 2024.

CARVALHO, M. F. L.; DE MENEZES, M. S. **Violência e saúde na vida de pessoas LGBTI**. – Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. E-book 147 p. (Coleção temas em saúde). ISBN 6557081209, 9786557081204. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vw9v4>. Acesso em: 12 mai. 2024.

CAVALCANTE, F. M. O. **A construção das masculinidades e a sua influência no comportamento lgbtqia+fóbico**. 2021. p. 33. Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Vale do Salgado, Icó – Ceará, 2021. Disponível em: <https://univs.edu.br/tcc-repositorio/>. Acesso em: 12 mai. 2024.

CECCARELLI, P. R. A pornografia e o ocidente. *In: Revista (In)visível* – Portugal, 2011. Disponível em: https://www.ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_a-pornografia-e-o-ocidente.pdf. Acesso em: 07 de jun. de 2024.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. *In: STREY, M. N., CABEDA, S. T. L., PREHN, D. N. (Org.) Gênero e cultura: questões contemporâneas*. – Porto Alegre: EDIPURCS, 2004. p. 298. (Coleção gênero e contemporaneidade). ISBN 85-7430-442-5. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=W2NJdZYNTqIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 25 mai. 2024.

CORREIA, Bárbara Sena. (Des)Construções da performance de expressões binárias de gênero na comunidade lésbica: estereótipos e estigmas com um olhar de dentro e fora. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na área de subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal: p. 69. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 01/99, 22 de março de 1999**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/02/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 03 de jun. 2024.

COSTA, Gley P. Considerações psicanalíticas sobre sexualidade e gênero. *In: HOLOVKO, Cândida Sé & CORTEZZI, Cristina Maria. (Org.) Sexualidade e Gênero: Desafios da Psicanálise*. 1 – ed. – São Paulo: Blucher, 2018, p. 400.

DE SOUZA, Andréia; GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE: PORQUE ELA AINDA É UM TABU?. **Educere - Revista da Educação da UNIPAR**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 547–559, 2023. DOI: 10.25110/educere.v23i2.2023-002. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/10164>. Acesso em: 10 jun. 2024.

DUFOUR, D. **A cidade perversa: liberalismo e pornografia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

FACHINNI, R. FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**: revista latinoamericana, n.3 –

2009 – pp. 54 – 81. ISSN 1984-6487. Disponível em: www.sexualidadsaludysociedad.org. Acesso em: 24 mai. 2024.

FERNANDES, Marisa (2018). Ações lésbicas. In GREEN, J; QUINALHA, R; CAETANO, M; FERNANDES, M. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 91-120.

FORTES, I. **A anatomia fantasmática: o lugar do corpo em psicanálise**. EPOS – vol. 3, nº 2 – Rio de Janeiro, 2012. ISSN: 2178-700X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2012000200004#:~:text=Quando%20dizemos%20que%20o%20corpo,substituindo%20completamente%20os%20seus%20par%C3%A2metros. Acesso em: 03 jun. 2024.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, 1936- **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed., 2009.

GGB. Relatório 2011. **Grupo Gay da Bahia**, 20 mai. 2022. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/>. Acesso em: 24 mai. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 7ª edição, 2019.

JORGE, Marco Antonio C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Vol.2. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LIMA, M. H. D. **Acesso a pornografia em tempos de pandemia de covid-19**. 2021. p. 83. Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Vale do Salgado, Icó – Ceará, 2021. Disponível em: <https://univs.edu.br/tcc-repositorio/>. Acesso em: 8 jun. 2024.

LOPES, Yan de Jesus. O fetiche na psicanálise freudiana. **Psicologia.pt: o portal dos psicólogos**, 2019. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?o=fetiche-na-psicanalise-freudiana&codigo=A1355&area=D11B. Acesso em: 06 de jun. 2024.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. – 6 ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 184.

LOURO, G. L.; **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 8º. ed. Barueri - SP: Atlas, 2022.

MARTINS, Gilberto de Andrade e THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas. 2009.

MOLINA, L. P. P. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses, [S. l.]**, v. 4, n. 8, p. 949–962, 2012. DOI: 10.5433/1984-

3356.2011v4n8p949. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/7153>. Acesso em: 13 maio. 2024.

MONTEIRO, Laís Landes; VIANNA, Alexandra Gouvêa. Pornografia, subjetividade e violência de gênero. **POLÊMICA**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 026–041, 2021. DOI: 10.12957/polemica.2020.63484. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/63484>. Acesso em: 1 mai. 2024.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 372 – 380, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 4 nov. 2024.

PORNHUB. 2023 year in review. **Pornhub**, 09 dez. 2023. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review>. Acesso em: 01 mai. 2024.

PRADELLA, Natália Susin. Pulsão escópica: possíveis relações com o corpo feminino. 2020. p. 45. Trabalho de Conclusão do Curso (Psicologia). Universidade De Caxias Do Sul. Caxias do Sul, 2020. Disponível: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6437>. Acesso em: 8 jun. 2024.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: Uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RIBEIRO, Deco. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. *In*: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** – Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, Rosa Maria Silva dos. Fetichismo: paradigma da perversão. **Psicologia.pt: o portal dos psicólogos**, 2007. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0224#:~:text=Este%20artigo%20consiste%20numa%20reflex%C3%A3o,atinjam%20o%20m%C3%A1ximo%20prazer%20sexual. Acesso em: 06 de jun. de 2024.

SILVA, Beatriz Santana da. **Aspectos da construção simbólica da pornografia audiovisual**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/21718>. Acesso em: 07 de jun. de 2024.

SILVA, L. C. B.; GATTO, M. Fernanda; COSTA, A. M. Desigualdade de gênero: uma análise sobre a dupla jornada de trabalho da mulher. **Conjecturas**, [S. l.], v. 22, n. 6, p. 630–643, 2022.

SIMÃO, E. R. dos S. *et. al.* O que as epistemologias trans nos ensinam sobre as políticas de gênero, sexualidades e direitos?. **COR LGBTQIA+**, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 144–160, 2023. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/605>. Acesso em: 7 jun. 2024.

SOUZA, G. P. de., FREITAS, A. N. S. de. Histórias que ninguém conta a dupla opressão presente no cotidiano de mulheres lésbicas: a luta por voz e reconhecimento. – v. 1 n. 1

(2018): **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. Sessão: Comunicações orais- Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Sexualidades. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22802>. Acesso em: 08 jun. 2024.

SOUZA, T. L. M., GONÇALVES, A. N. S. “Lésbica futurista, sapatona convicta”: da abjeção ao ser político. **Revista Discentis**, UNEB, DCHT-XVI, Irecê, v. 8, n. 1, p. 27-36, jun./dez. 2020. Disponível em: [//revistas.uneb.br/index.php/discentis](http://revistas.uneb.br/index.php/discentis). Acesso em: 24 mai. 2024.

STONEWALL. Direção: Roland Emmerich. Produção: Roland Emmerich, Michael Fossat, Marc Frydman. [S.I.]: **Roadside Attractions**, 2015.1 DVD (129 min), color.

TOLEDO, Livia. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, São Paulo. p. 235. 2008. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_6ecdd500fda4513b2c0c0fb78da5c836. Acesso em: 08 jun. 2024.

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meury Gardênia Lima de Araújo, CPF 010.552.533-27, pesquisadora principal, e Iara Moreira de Oliveira, CPF: 081.186.503-75, assistente de pesquisa, estão juntamente ao curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado realizando o Projeto de Pesquisa intitulado **“A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA E SUA RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: Uma perspectiva psicanalítica”** que tem como objetivo geral: Investigar a contribuição dos fatores sociais, culturais e históricos para a objetificação da mulher cis lésbica na indústria pornográfica, buscando compreender como tais elementos moldam as representações e percepções da sexualidade feminina. Para isso, está desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas, cujo objetivos específicos: a) Analisar o papel da indústria pornográfica e suas produções, na formação das fantasias e fetiches masculinos, assim como a influência na objetificação e construção de estereótipos associados à imagem da mulher lésbica. b) Compreender como a teoria psicanalítica pode contribuir na desconstrução da sexualização da mulher lésbica, bem como, quais contribuições podem auxiliar na propagação e debate acerca dessa temática. c) Identificar as diferentes percepções acerca da imagem feminina lésbica, considerando os impactos da objetificação e estigmatização sexual.

Por essa razão, o (a) convidamos a participar da pesquisa. Sua participação consistirá no preenchimento de link com perguntas relativas à Pornografia e Sexualização da Mulher Lésbica, Percepções e Estereótipos associados à temática. Para isso, será obedecida a Resolução nº 510, 07 de Abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, no capítulo I e parágrafo XXII, em que afirma que a autorização poderá ser recolhida dos participantes na modalidade *“documento em qualquer meio, formato ou mídia, como papel, áudio, filmagem, mídia eletrônica e digital, que registra a concessão de consentimento ou de assentimento livre e esclarecido, sendo a forma de registro escolhida a partir das características individuais, sociais, linguísticas, econômicas e culturais do participante da pesquisa e em razão das abordagens metodológicas aplicadas”*, confirmando o livre consentimento de participação na pesquisa, na não possibilidade de assinatura do TCLE impresso.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, entretanto, maiores devem ser os esforços para minimizar os mesmos. Os riscos que podem ser evidenciados pela pesquisa consistem na exposição de fatores, causas, motivos e informações pessoais relevantes da vida do sujeito participante na pesquisa, podendo desencadear sentimentos e comportamentos de desconforto antes, durante e depois da pesquisa.

A pesquisa possui riscos mínimos, que são:

01. Risco mínimo: Possível constrangimento em responder as perguntas solicitadas;
02. Risco moderado: Exposição das informações disponibilizadas pelos participantes;

Diante dos riscos apresentados serão tomadas as seguintes medidas de minimização:

Para o risco 01: Na primeira sessão do questionário, será explicado o objetivo da pesquisa, as possíveis perguntas que serão feitas, e será fornecido um breve relato sobre a proposta do estudo.

Para o risco 02: As informações dos participantes serão resguardadas com cautela e sigilo, preservando o seu anonimato. Apenas os pesquisadores terão acesso e domínio dos dados colhidos e transcritos.

No entanto, tais riscos podem ser elencados com possíveis reações consequentes como manifestações de aversão, mal-estar físico e psicológico. Portanto, a exposição de qualquer risco iminente ou agravante mais eufêmico manifestados, Eu Meury Gardênia Lima de Araújo, realizarei os encaminhamentos devidos ao suporte no Serviço de Psicologia Aplicada da Clínica Escola do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, localizada no endereço: Av. Nogueira Acioly - Centro, Icó - CE, 63430-000, telefone: (88) 3561-2760. A partir do encaminhamento, o participante será acolhido e realizar-se-á as devidas medidas de minimização dos riscos da pesquisa para o sujeito.

Compreende-se benefícios significativos à sociedade. Desse modo a presente pesquisa compreendendo a sexualização da mulher lésbica e sua relação com a indústria pornográfica oferece uma contribuição significativa para a sociedade contemporânea. Ao abordar uma interseção complexa entre identidade e representatividade, a pesquisa busca aumentar a conscientização sobre as experiências das mulheres lésbicas na sociedade que podem também trazer ganhos a compreensão de fatores sociais que apontam comportamento opressores e

estigmatizantes projetados as mulheres lésbicas, identificando causas para que, posteriormente, possamos esboçar intervenções que amenizem e desmistifiquem preconceitos.

Para os sujeitos da pesquisa, especialmente as mulheres lésbicas, a participação pode proporcionar um sentido de validação e reconhecimento de suas identidades. Além disso, ao responder o questionário pode advir reflexões sobre as impressões e posturas adotadas, promovendo uma possível modificação de discurso. Participar do estudo e refletir sobre suas próprias condutas pode despertar, ainda, curiosidades que possibilitem a busca de autoconhecimento e das relações sociais de poder e objetificação. Para além, a pesquisa pode fomentar o interesse científico sobre o tema, delineando assuntos pouco abordados e permeados de tabus.

No contexto científico, a pesquisa proposta contribui para o avanço do conhecimento sobre temas relacionados à psicanálise e sexualidade. Ao preencher lacunas na literatura existente e gerar novos insights teóricos, a pesquisa oferece uma base para o desenvolvimento de intervenções psicossociais, políticas públicas e práticas clínicas destinadas a abordar questões relacionadas à sexualidade, identidade e saúde mental. Esses benefícios destacam a importância e o impacto potencialmente transformador da pesquisa proposta em diversos níveis, desde o nível individual até o nível social e acadêmico.

Destacar, ainda no convite, que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantir que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Incluir que a qualquer momento o participante poderá ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones/endereço dos pesquisadores.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: Meury Gardênia Lima de Araújo

Instituição: Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS)

Endereço: Av. Monsenhor Frota, 609 - Centro, Icó - CE, 63430-000

Telefones para contato: (88) 9.9920-4547

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, os seus direitos e os aspectos éticos de sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa localizado na Rua Monsenhor Frota, 609, Centro, Icó - Ceará CEP: 63.430-000

O abaixo-assinado _____, _____ anos,
RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Icó, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data	Assinatura
-------------------------------	------	------------

Nome do Responsável legal/testemunha	Data	Assinatura
--------------------------------------	------	------------

(se aplicável)

Nome do profissional	Data	Assinatura
----------------------	------	------------

que aplicou o TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu _____, portador (a) do Cadastro de Pessoa Física (CPF) número _____, declaro que, após leitura minuciosa do TCLE, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores. Ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente da pesquisa **“A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA E SUA RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: Uma perspectiva psicanalítica”**, assinando o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e valor.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE I – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO



1 INFORMAÇÕES GERAIS

Prezado(a) senhor(a),

Estamos realizando a presente pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **“A Sexualização da Mulher Lésbica e sua Relação com a Indústria Pornográfica: Uma Perspectiva Psicanalítica”**, que tem finalidade acadêmica. Deste modo, nossa pesquisa tem como objetivo geral “Investigar a contribuição dos fatores sociais, culturais e históricos para a objetificação da mulher cis lésbica na indústria pornográfica, buscando compreender como tais elementos moldam as representações e percepções da sexualidade feminina”.

Todas as informações que você nos der serão usadas apenas para este estudo. **Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e não serão divulgados em nenhum material divulgado sobre os resultados da pesquisa.**

Para tal, o(a) senhor(a) está sendo convidado a contribuir com o processo de resposta aos itens do instrumento de coleta de dados que envolve duas partes: (1) questionário sociodemográfico e de caracterização dos participantes e (2) questionário sobre a sexualização feminina lésbica em conteúdos pornográficos.

A captura de informações por meio de questionário pode trazer algum desconforto ao remeter a informações pessoais, necessárias a caracterização dos participantes, e questões relacionadas compreensões acerca das concepções e vivências subjetivas, pertinentes à análise de evidências de validade relacionadas a sexualização feminina lésbica na pornografia. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido mediante a organização por códigos e a salvaguarda segura das informações prestadas. **Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, estaremos à disposição para realizar os encaminhamentos devidos ao suporte no Serviço de Psicologia Aplicada da Clínica Escola**

do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, localizada no endereço: Av. Nogueira Acioly - Centro, Icó - CE, 63430-000, telefone: (88) 3561-2760. A partir do encaminhamento, o participante será acolhido e realizar-se-á as devidas medidas de minimização dos riscos da pesquisa.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou métodos utilizados na mesma, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com Meury Gardênia Lima de Araújo, o(a) pesquisador(a) principal e orientador(a) da pesquisa, através do e-mail meurygardenia@univs.edu.br, e com Iara Moreira de Oliveira, assistente de pesquisa, através do e-mail iaramoreiraoliv@gmail.com. Assim como, na instituição de ensino superior Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS, localizada à Av. Monsenhor Frota, 609, Centro, Icó - CE, CEP: 63430-000; telefone (88) 3561-9200.

Deste modo, vale destacar que esta pesquisa compreende sujeitos de idade igual ou superior a 18 anos. Você declara que possui a faixa etária correspondente a este público?

() Sim, declaro ter idade igual ou superior a 18 anos.

Você declara ter lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concordado com os termos referentes à elaboração da presente pesquisa?

() Sim, li e concordo.

2 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome: _____ **CPF:** _____

Gênero e Sexualidade: _____ **Idade:** _____

Profissão: _____ **Ocupação atual:** _____

Cidade e Estado: _____

Raça/cor: () Branco(a) () Preto(a) () Pardo(a) () Amarelo(a) () Indígena

Escolaridade: () Sem escolaridade () Fundamental Incompleto () Fundamental Completo

() Médio Incompleto () Médio Completo () Superior Incompleto () Superior Completo

() Realizando Pós-graduação () Pós - Graduando

3 PERGUNTAS NORTEADORAS

1. Você sabe o que é pornografia?

() Sim

() Não

2. Você já viu algo sobre pornografia?

() Sim

() Não

3. O que você compreende acerca desta temática?

4. Como você se sente em relação à esta temática?

5. O que a presente temática desperta em você?

6. O que você compreende por “Sexo”?

7. O que você compreende por “erotismo”?

8. Como você descreveria a representação das mulheres em conteúdo pornográfico?

9. Você acredita que a imagem das mulheres lésbicas é sexualizada de forma diferente em conteúdo pornográfico em comparação com outros tipos de conteúdo?

- Sim
- Não
- Não Sei

10. Você acha que a representação de mulheres lésbicas em conteúdos pornográficos é mais voltada ao público masculino ou feminino?

- Masculino
- Feminino
- Ambos
- Não sei

11. Você acredita que a forma como as mulheres lésbicas são retratadas em conteúdos pornográficos influencia a percepção social sobre a comunidade lésbica?

- Sim
- Não
- Talvez
- Não sei

12. Quais são os estereótipos que você considera serem associados à imagem feminina lésbica na pornografia?

13. Você gostaria de adicionar algum comentário ou sugestão sobre a temática discutida neste questionário?

APÊNDICE II – CARD INFORMATIVO



Bacharelado em Psicologia
Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS

Convidamos você a participar da pesquisa
**"A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA E SUA
RELAÇÃO COM A INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: uma
perspectiva psicanalítica"**



A participação nesta pesquisa é voluntária e consiste no preenchimento de um questionário online.

Para receber o link da pesquisa é necessário envie um e-mail com o assunto **"tenho interesse em participar da pesquisa"** para o endereço: pesquisacientificatcc@gmail.com

A sua colaboração será de extrema importância para o desenvolvimento deste estudo.

Esta pesquisa compreende sujeitos de idade igual ou superior a 18 anos

Em caso de dúvidas ou necessite de mais informações, estamos à disposição para esclarecimentos através do e-mail:
pesquisacientificatcc@gmail.com

Iara Moreira de Oliveira
Aluna Pesquisadora
Meury Gardênia Lima de Araújo
Professora Orientadora